



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS GUARABIRA  
CENTRO HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CRISTINA LIMA SOUZA SILVA**

**A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA EM MILENA DA *TURMA DA MÔNICA***

**GUARABIRA-PB  
2021**

**CRISTINA LIMA SOUZA SILVA**

**A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA EM MILENA DA *TURMA DA MÔNICA***

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

**Área de concentração:** Educação.

**Orientador:** Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos.

**GUARABIRA-PB  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Cristina Lima Sousa.  
A representatividade da criança negra em Milena da turma da Mônica [manuscrito] / Cristina Lima Sousa Silva. - 2021.  
60 p. : il. colorido.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2021.  
"Orientação : Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos , UFPE - Universidade Federal de Pernambuco ."

1. Milena. 2. História em Quadrinhos. 3. Representatividade negra. 4. Educação Étnico-racial. I. Título  
21. ed. CDD 371.12

CRISTINA LIMA SOUZA SILVA

**A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA EM MILENA DA TURMA DA  
MÔNICA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

**Área de concentração:** Educação.

Aprovada em: 25/06/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

*Julio César Pereira dos Santos*

---

Prof. Me. Julio César Pereira dos Santos (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

*Ivonildes da Silva Fonseca*

---

Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Luciana Souza da Silva*

---

Prof. Me. Lucian Souza da Silva  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Ao meu cônjuge, pela dedicação,  
companheirismo e amizade, ao meu filho,  
pela compreensão, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Aos professores Ivonildes, Rita e Waldeci, coordenadores do curso de Especialização, pelo empenho e dedicação durante todo o período dessa especialização, qual se iniciou na modalidade de ensino presencial e seguiu de forma remota em decorrência da pandemia do novo coronavírus que afeta o mundo, que mesmo diante dos obstáculos estiveram firmes e confiantes.

Aos colegas de curso pelos momentos de amizade e apoio (Fátima Azevedo, Maria Jeane, João Fabrício, Rayris etc.).

Ao meu orientador professor Julio César pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, sempre à disposição para esclarecer minhas dúvidas e pelo incentivo e positividade em momentos difíceis durante a construção dessa pesquisa. Sou muito grata pelas contribuições para a conclusão desse trabalho.

Ao meu pai (*in memoriam*) o qual se estivesse presente fisicamente estaria muito feliz com essa minha conquista, a minha mãe Penha pela força e incentivo nos meus estudos, os meus irmãos, irmãs e sobrinhos pelo carinho e compreensão.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo desses meses com muitos conhecimentos para minha formação profissional como docente e, sobretudo pessoal, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Estou muito feliz pela oportunidade que a UEPB me proporcionou mais uma vez, primeiro na minha formação acadêmica como historiadora e agora como especialista na área da educação, é com muita alegria e satisfação que concluo mais este ciclo em minha trajetória de estudos.

A liberdade jamais é dada pelo opressor,  
ela tem que ser conquistada pelo  
oprimido.

Martin Luther King.

## RESUMO

Esse trabalho é resultado da análise realizada sobre a representatividade da criança negra nas histórias em quadrinhos nacionais, tendo como ponto de observação a biografia ficcional da personagem Milena criada por Maurício de Sousa no ano de 2017, e presente nas histórias atuais da *Turma da Mônica*. Esse estudo propõe uma abordagem em torno do protagonismo feminino negro, considerando que Milena é a primeira representação do gênero feminino e negra entre os quadrinhos do desenhista o qual se manteve indiferente as questões do combate ao racismo em suas narrativas. É preciso debatermos nesse estudo a problemática da ausência da história da civilização africana no currículo, fato que provocou a anulação da identidade negra do povo brasileiro durante muitos anos e contribuiu para que a situação perdurasse por um longo prazo causando essa indiferença em grande parte da população. Nessa medida, temos a pretensão de utilizarmos elementos afrodescendentes da personagem Milena e seu o protagonismo no trabalho com a Educação Infantil, como contribuição para a afirmação identitária das crianças, e desta forma atender as demandas propostas na Lei 10.639/03 na Educação Básica, e assim, promovermos discussões das questões étnico-raciais envolvendo os alunos de forma lúdica e agradável com os recursos presentes na linguagem da história em quadrinhos.

**Palavras-Chave:** Milena. História em Quadrinhos. Representatividade negra. Educação Étnico-racial.

## **ABSTRACT**

This work is the result of the analysis carried out on the representation of the black child in national comic books, having as a point of observation the fictional biography of the character Milena created by Maurício de Sousa in 2017, and present in the current stories of Turma da Mônica. This study proposes an approach around the black female protagonism, considering that Milena is the first representation of the female and black gender among the cartoonist's comics, who remained indifferent to the issues of combating racism in his narratives. It is necessary to discuss in this study the problem of the absence of the history of African civilization in the curriculum, a fact that caused the annulment of the black identity of the Brazilian people for many years and contributed to the situation lasting for a long term, causing this indifference in a large part of the population . To that extent, we intend to use Afro-descendant elements of Milena's character and her role in working with Early Childhood Education, as a contribution to the affirmation of children's identity, and thus meet the demands proposed in Law 10.639/03 on Basic Education, and thus, we promote discussions of ethnic-racial issues involving students in a playful and pleasant way with the resources present in the language of comics.

**Keywords:** Milena. Comic. Black representation. Ethnic-racial education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Capa da revista A Turma do Pererê.....	32
Figura 2 –	O Gibi.....	33
Figura 3 –	Lamparina, Maria Fumaça e Nega Maluca.....	34
Figura 4 -	Turma da Mônica.....	37
Figura 5 –	Personagem Jeremias.....	38
Figura 6 –	Capa HQ ‘Pele’ – Jeremias.....	39
Figura 7 –	Capa da revista Ronaldinho Gaúcho e Pelé (Pelezinho).....	41
Figura 8 –	Milena Sustenido.....	45
Figura 9 –	HQ nº 42 – Mônica e Milena em Adoção.....	47
Figura 10 -	Capa da HQ nº 45 – A Nova Amiguinha.....	48
Figura 11 -	Cenas da HQ nº 45 – A Nova Amiguinha.....	50

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNS	Diretrizes Curriculares Nacionais
HQ	História em Quadrinho
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
MNB	Movimento Negro Brasileiro
MSP	Maurício de Sousa Produções
SEPPIR	Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>HISTÓRIA DA ÁFRICA NO CURRÍCULO E O RACISMO NA ESCOLA: OBSTÁCULOS E RESISTÊNCIAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003</b> .....	17
2.1	QUAL ÁFRICA É ENSINADA. ELA CORRESPONDE AS NECESSIDADES ESCOLARES?.....	18
2.2	A CONTRIBUIÇÃO DA LEI 10.639/03 PARA OS DEBATES ÉTNICO-RACIAIS NAS ESCOLAS E SUA APLICABILIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	21
<b>3</b>	<b>DEFINIÇÕES E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO NAS DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS</b> .....	29
3.1	CHEGADA DAS HQS NO BRASIL, PRINCIPAIS GIBIS BRASILEIROS E SEUS PERSONAGENS NEGROS OU MINORIAS.....	32
3.2	APRESENTAÇÃO DA TURMA DA MÔNICA E ALGUNS DE SEUS NEGROS OU MINORIAS.....	36
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E ETNIA E A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA/MENINA NEGRA NAS HQS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	42
4.1	APRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM MILENA E SUA UTILIZAÇÃO PARA DISCUSSÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	44
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56
	<b>APÊNDICE A – SUGESTÃO DE PLANO DE AULA SOBRE PROTAGONISMO NEGRO E QUADRINHOS</b> .....	60

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como propósito refletir sobre a representatividade da criança negra nas Histórias em Quadrinhos – HQs - nacionais contemporâneos, inspirada a partir da linha de pesquisa “Educação Étnico-Racial na Educação Infantil e Intermédias” que tem em uma de suas projeções o trabalho com personagens afro-brasileiras e a construção da identidade étnico-racial de crianças. Para tal, este estudo buscou priorizar elementos que nos direcionem ao reencontro com a história dos povos africanos e sua cultura na perspectiva da afirmação identitária do povo brasileiro a partir da Educação. E assim, colaborar para o reconhecimento do O Eu e O Outro no processo de afirmação da identidade do educando como prevê a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017, p. 40).

A escolha da temática “A representatividade da criança negra em Milena da *Turma da Mônica*” a ser discutido nessa análise de estudos veio de uma experiência própria vivida com o uso dos quadrinhos com meu filho na fase dos quatro anos de idade quando introduzi as HQs no seu cotidiano o que contribuiu de maneira significativa para o seu desenvolvimento em vários campos de experiência<sup>1</sup>.

Os elementos presentes nos quadrinhos contribuem para despertar o interesse pela leitura e pela escrita nas crianças sistematizando vários aspectos da aprendizagem individual e coletiva. Como as HQs em geral unem palavra e imagem, elas contemplam tanto alunos que já leem fluentemente quanto os que estão iniciando, pois conseguem deduzir o significado da história observando os desenhos. A curiosidade em saber o que está escrito dentro dos balões estimula o interesse pela leitura e pela história, e assim, entende-se que os gibis podem ter grande eficácia nas aulas dentro das discussões sobre a representatividade de pessoas negras nas HQs. Buscamos aqui expor principalmente a relação do mundo dos quadrinhos com a figura da criança como protagonista, sobretudo com a mulher negra brasileira do século XXI. No percurso desse estudo analisaremos mais detalhadamente sobre a primeira personagem mulher negra no quadrinho infantil da *Turma da Mônica*, qual só apareceu oficialmente na mídia no ano de 2019, na

---

<sup>1</sup>Os campos de experiências (BNCC, p. 40-42): O eu, o outro e o nós; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 26 jun. 2021.

revista da *Turma da Mônica* edição nº 45, a personagem Milena, criada pelo quadrinista Maurício de Sousa.

Desta forma, esse trabalho discorre em torno da Milena e sua HQ de estreia, no intuito de refletir sobre meios de interação da personagem fictícia na construção e afirmação da identidade étnico-racial de crianças, e assim, colaborar com a desconstrução dos estereótipos racistas e preconceitos atribuídos a mulher negra nessa área de atuação.

Recentemente os quadrinhos tornaram-se excelentes aliados ao processo de aprendizagem, por oferecer ferramentas metodológicas que superam os métodos tradicionais de ensino ofertando novas práticas mais dinamizadas através de seus elementos gráficos e textuais.

A HQ, gibi, ou simplesmente quadrinho, podem ser de humor ou de terror, ter um tema específico ou apenas ser divertido. Não importa, o fato é que esta linguagem fez ou faz parte do mundo da maioria das crianças e adolescentes. E mesmo alguns adultos ainda gostam tanto de ler HQs que são colecionadores.

Como aporte teórico para a construção textual dessa pesquisa, recorreremos a vários estudiosos como: Ana Paula Borges dos Reis Queiroz Santos (2015), Anderson Ribeiro Oliva (2003), Ana Célia da Silva (2005), Mariléia dos Santos Cruz (2005), Valter Roberto Silvério (2013) para a base da discussão sobre a África e situações de desigualdade, fragmentação e limitações no ensino. Nas reflexões sobre o papel da escola e a superação do racismo, dialogaremos com Nilma Lino Gomes (2003), Letícia Passos de Melo Sarzedas (2007). Analisaremos ainda Kabengele Munanga (2005), Nilma Lino Gomes (2011), Julio Cesar Pereira dos Santos (2017), Solange P. Rocha (2013) nas pesquisas da história da África, racismo, a Lei 10.639/03 e as perspectivas dos movimentos sociais negros na implementação de políticas públicas nas escolas. Utilizaremos também: Maurício Pedro da Silva (2007), Sonia Tanino (2011), José Moysés Alves (2001), Base Nacional Comum Curricular (2017), Roberto Elísio dos Santos; Waldomiro Vergueiro (2012) no entendimento de práticas educativas e a didática de ensino e o uso quadrinhos como metodologia de aprendizagem. Em Valdecir de Lima Santos (2013) Henrique Sampaio Wense (2015); Marco Túlio Rodrigues Vilela (2012), Nobuyoshi Chinen (2013), Sofia Bocca (2015), Fernanda Pereira da Silva (2018) e Elbert Agostinho (2018), nestes, buscaremos conhecimentos para elencar as discussões acerca da origem e definições das HQs e a representatividade da mulher

negra nesse espaço midiático. Para análise e esclarecimentos sobre gênero e etnias, e inserção do protagonismo feminino negro nos quadrinhos, recorreremos a Luana Pinheiro (2008), Gelson Vanderlei Weschenfelder (2013), estes entre outros pesquisadores contribuíram para a consolidação da nossa proposta de estudo.

Organizamos esse trabalho em itens para melhor pontuar as ideias. Iniciamos a introdução, item 1, com uma breve análise com base na produção e desenvolvimento dessa pesquisa. No item 2 abordamos uma reflexão sobre: “História da África no currículo e o racismo na escola: obstáculos e resistências para a implementação da Lei 10639/03”, dialogamos alguns pontos significativos acerca do que é ensinado de África na escola; o quanto o racismo está presente dentro e fora das instituições de ensino; a aplicabilidade da lei como resultado de luta de movimentos de resistência, e como esta tem contribuído positivamente para o debate étnico-racial no currículo e no processo de ensino. Estas e outras questões pertinentes a temática são discutidas ao longo desse estudo, tendo como suporte os referenciais teóricos consultados para essa produção acadêmica.

Na sequência, no item 3 intitulado: “Definições e Histórias em Quadrinhos como recurso didático nas discussões étnico-raciais”, elencamos as definições das HQs explanando alguns conceitos; apresentamos a origem da História em Quadrinho no Brasil, com destaque para alguns personagens negros ou minorias que foram criados ao longo dos anos por diversos desenhistas nacionais; tratamos da origem e trajetória da Turma da Mônica e alguns de seus personagens; e, refletimos a respeito da reprodução de caricaturas estereotipadas recorrentes em criações de Maurício de Sousa que antecederam a nova personagem negra “Milena”.

Logo em seguida no item 4, definido como: “Discussão sobre gênero e etnia e a representatividade da criança/menina negra nas HQs para Educação Infantil”, pontuamos uma discussão acerca da representatividade do feminismo negro na HQ como elemento importante para elencar diálogos em torno das questões de gênero e étnico-raciais no ensino infantil, atendendo desta forma demandas da Lei 10.639/03. Apresentamos a biografia fictícia da Milena, partindo da análise da HQ da *Turma da Mônica*, 2019, Ed. nº 45: *A Nova Amiguinha*, Editora: Panini Comics, da Maurício de Sousa Produções (MSP) referente à nova personagem Milena, uma criança negra de família afrodescendente criada como resposta para as demandas da sociedade, em relação à ausência da representação feminina negra nas HQs da MSP.

Nesta perspectiva procuramos mostrar a relevância de trabalhar com a linguagem dos quadrinhos envolvendo as questões étnico-raciais na Educação Infantil, por ser, em alguns casos, a primeira leitura da criança, os quadrinhos surgem como uma alternativa para o ensino e estímulo a leitura, e desta forma proporcionar com mais facilidade o despertar do senso crítico e perceptivo do/a aluno/a, evidenciando os benefícios de trabalhar temáticas alternativas de combates a ideias e atitudes racistas e de exclusão das populações negras, através do uso da HQ. Para isto, é preciso criar novas práticas de intervenção para o processo de ensino aprendizagem.

Diante do exposto, buscamos trabalhar a personagem Milena e sua história como elementos constitutivos com informações positivas e de valorização da pessoa negra nos meios midiáticos. Além disso, apresentamos uma proposta sugestiva de atividade utilizando o gibi da Milena, com embasamentos para aplicação com alunos/as da Educação Infantil, podendo se estender ao público de estudantes do Ensino Fundamental.

## **2 HISTÓRIA DA ÁFRICA NO CURRÍCULO E O RACISMO NA ESCOLA: OBSTÁCULOS E RESISTÊNCIAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003.**

Para viver em uma sociedade plural, é preciso reconhecer e valorizar a diversidade étnica e cultural que a constitui (COSTA, 2018, p. 109). Diante desta afirmativa buscamos dialogar neste contexto sobre a formação do povo brasileiro e o conjunto de matrizes culturais e étnicas agrupados em sua constituição.

Neste sentido, iniciamos este estudo refletindo sobre o que sabemos ou conhecemos da África, do seu povo e sua cultura, para responder a estas questões precisamos nos reportar e buscar na memória nossas próprias experiências vivenciadas nos bancos da escola durante a Educação Básica, cursados em um passado recente.

É com estas perspectivas que buscamos discutir o conhecimento das raízes étnicas impressas em nossa sociedade, através da representatividade e da inserção da história da cultura africana no currículo do sistema educacional brasileiro que contemple a história da África, quebrando paradigmas racistas e preconceituosos muitas das vezes presentes nos conteúdos curriculares e no interior da escola.

Durante décadas no sistema educacional brasileiro o ensino de história e da cultura africana era abordado de forma sucinta, e apresentado de maneira fragmentada em alguns componentes curriculares, mais precisamente nas disciplinas de Geografia e História como aponta Santos (2015). Nessa medida, considera-se certa limitação na propagação dos saberes históricos com ligação cultural entre a África e o Brasil nas escolas. Como analisa Oliva (2003), até certo período a História do Brasil era pautada em interesses políticos determinantes para a condução do que seria “ensinado” a sociedade, e ainda de acordo com o autor:

Aqueles que se sentaram em bancos escolares até o fim da ditadura militar tinham que se contentar, ou aturar, uma História de influência positivista recheada por memorizações de datas, nomes de heróis, listas intermináveis de presidentes e personagens. Sem contar a extrema valorização da abordagem política pouco atraente, do eurocentrismo na História Geral e da exaltação da nação e de seus governantes na História do Brasil. Todos esses conteúdos eram apresentados com pouco ou nenhum perfil crítico e não existiam brechas para a participação das pessoas comuns nos fatos tratados (WEB, OLIVA, 2003, p.424).

A restrição ou omissão sobre a presença dos africanos e de sua cultura no contexto da História do Brasil os deixou a margem da história oficial, ficando lacunas

na memória histórica sobre a origem do povo brasileiro. Na contemporaneidade esses fatores são pautas das lutas efetuadas pelos movimentos organizados pela população negra em sua trajetória de reivindicações pela superação do racismo na sociedade.

## **2. 1 QUAL ÁFRICA É ENSINADA. ELA CORRESPONDE ÀS NECESSIDADES ESCOLARES?**

No Brasil, por um longo período de tempo o termo África esteve relacionado à situação de servidão, denotando que as pessoas advindas do referido continente, natural e espontaneamente eram vistas como escravos ou escravizados, termos de significados distintos.

Enquanto o termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de submissão, o vocábulo escravizado modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade, trazendo à tona um conteúdo de caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, além de marcar a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores (SANTOS; TAILLE, 2012, p.8).

Essa relação com a condição de servidão atrelada aos africanos ou afrodescendentes, muitas vezes era reforçada por conteúdos presentes nos livros didáticos impressas nas exposições de imagens com pessoas negras em condição análoga, algumas acorrentadas, torturadas, executando tarefas árduas, entre outras situações de subordinação as pessoas brancas.

A presença da população negra nesses livros foi marcada pela estereotipia e caricatura [...] A criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizantes e excluída do processo de comunicação, (SILVA, 2005, p.23). No entanto, observamos na atualidade mudanças na produção de livros e materiais didáticos para a Educação brasileira, os autores tendem a se atualizar e atuar dentro de contextos e perspectivas sociais.

Esse padrão de ensino esteve presente por muitos anos no ensino formal, reproduzindo para as crianças impressões negativas dos povos africanos e seus descendentes. Assim, durante um longo período os povos não-europeus estiveram excluídos das narrativas do campo das fontes históricas. Segundo Cruz (2005, p.21),

essa exclusão foi justificada por uma ideia da inexistência de fatos notáveis nas sociedades não europeias, antes do contato com os brancos, sendo por muito tempo uma justificativa para o eurocentrismo presente na história de várias sociedades até meados do século XX.

São constatações que não condizem com a realidade histórica, e frequentemente ainda é possível presenciar situações de tratamento desigual sobre a identidade e cultura dos negros e não negros na sociedade. Fatos e acontecimentos que muitas vezes foram reproduzidos na história da Educação brasileira. De acordo com Cruz:

A margem desse processo tem sido esquecidos os temas e as fontes históricas que poderiam nos ensinar sobre as experiências educativas, escolares ou não, dos indígenas e dos afro-brasileiros. O estudo, por exemplo, da conquista da alfabetização por esse grupo; dos detalhes sobre a exclusão desses setores das instituições escolares oficiais; dos mecanismos criados para alcançar a escolarização oficial; da educação nos quilombos; da criação de escolas alternativas; da emergência de uma classe média negra escolarizada no Brasil; ou das vivências escolares nas primeiras escolas oficiais que aceitaram negros são temas que, além de terem sido desconsiderados nos relatos da história oficial da educação, estão sujeitos ao desaparecimento. (CRUZ, 2005, p. 22-23).

Sob essa perspectiva do negro, do índio e minorias sempre serem colocados em condições inferiores, a escola precisa se posicionar e respeitar às diferenças, pois é um local de vivência e socialização de conhecimentos. Para a criança é primordial elencar diálogos sobre as diversidades culturais e étnicas, são pontuações importantes a serem desenvolvidos no trabalho interdisciplinar na escola, contribuindo para o entendimento da identidade do aluno. Neste sentido, Gomes afirma que:

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas (GOMES, 2003, p.77).

Desta forma, entendemos a escola como lugar ideal para iniciar e ampliar as discussões sobre diversidade cultural e as questões étnico-raciais, e assim, reconstruir positivamente a história através de metodologias colaborativas com ações viáveis na sala de aula.

É necessário refletir sobre conhecimentos e influências presentes nas práticas culturais e as características sociais de herança étnica como, a religião, a dança, a música, entre outras contribuições culturais que muitas vezes estão

presentes no cotidiano escolar, porém, não tiveram o reconhecimento histórico discutido e referenciado no currículo escolar. Estes são fatores que precisam ser resgatados, possivelmente através do encontro de informações do passado com o presente, e assim, levar o educando a conhecer e perceber em sua vivência o quanto há de África em seus hábitos diários, bem como, na cultura brasileira, enfatizando os impactos positivos. Como afirmou Silvério:

[...] ao dar visibilidade ao encontro pretérito dos africanos com o território hoje denominado Brasil, de modo radicalizado e positivo, vamos nos reconciliar com uma dimensão fundamental da cultura brasileira encoberta pelo racismo, pelas tentativas de branqueamento da população e pelos discursos preconceituosos que desconhecem o quanto a África existe no Brasil (SILVÉRIO, 2013, p.12).

Tratar das questões étnico-raciais na escola é em grande medida resgatar parte da História do Brasil que esteve excluída do contexto escolar, além disso, é também reconstruir a relação com o outro, como sujeitos pertencentes a um mesmo grupo étnico-racial, mas vindo de diferentes grupos sociais.

Não é uma tarefa fácil construir uma identidade positiva do negro em uma sociedade que prega historicamente que para ser aceito, precisa negar-se a si mesmo e onde a imagem do negro ou afrodescendente esteve sempre inferiorizada. Diante disso, as instituições de ensino junto com seu corpo docente, precisam atentar-se a necessidade do aprofundamento em estudos e pesquisas que tratem da história da África para poder promover a difusão do conhecimento em sala de aula, realizando ações pedagógicas que viabilizem um trabalho que proporcione aos estudantes uma aprendizagem qualitativa. Sobre esse aspecto, Sarzedas afirma que:

A escola como um espaço de configuração da vida cotidiana, dentro de uma perspectiva sócio-histórica, podemos analisar as experiências da criança negra sob a óptica das interações sociais, onde o outro, como um mediador da sociedade e da cultura, irá apresentar à criança os conceitos historicamente construídos. Esses conceitos podem, ou não, serem dados a partir de uma análise crítica, social e histórica. A escola pode constituir um espaço no qual as esferas cotidianas e não cotidianas se aproximam ao apresentar à criança um lugar para a reflexão e a crítica. Entretanto, ao não se estabelecer desta forma o espaço escolar, a alienação se faz presente em um ambiente onde a suposta proximidade com as esferas não-cotidianas poderia oferecer a possibilidade de desenvolvimento e mudança dos pensamentos e das ações (SARZEDAS, 2007, p.75).

É compreendendo a escola como um espaço de interação social, de reflexão e de formação de opinião que percebemos a importância de barrar a predominância

eurocêntrica do currículo escolar, enveredando numa direção de pensamento, no qual se possa questionar, desmistificar e expandir a visão dos alunos sobre a temática étnico-racial no âmbito da escola enquanto espaço coexistente de diversidades, onde todas devem ser respeitadas.

Assim temos a percepção de que os ensinamentos sobre África na sala de aula durante muito tempo no Brasil foram transmitidos de forma engessada, não correspondendo com a realidade dos fatos, deixando de suprir as necessidades escolares. Porém, atualmente existem novas perspectivas e olhares mais direcionados para este campo de conhecimento.

## **2. 2 A CONTRIBUIÇÃO DA LEI 10.639/2003 PARA OS DEBATES ÉTNICO-RACIAIS NAS ESCOLAS E SUA APLICABILIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A perspectiva dessa pesquisa foi também ressaltar possibilidades de enfrentamento ao racismo no âmbito escolar em função da criança negra das Histórias em Quadrinhos como mecanismo de ruptura, transformação e valorização tendo como base de estudo a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Básica.

Essa legislação é considerada como parte da conquista e da luta dos movimentos sociais, com destaque para o Movimento Negro Brasileiro (MNB)<sup>2</sup> que tem como uma de suas pautas de reivindicação política uma escola democrática, que reconheça, valorize e trate de forma ética e profissional a diversidade étnico-racial, para que a escola em seu interior eduque para, e na diversidade (BRASIL, 2014, p.13). O MNB tem colaborado para que as instituições públicas e privadas de ensino trabalhem com o proposto na Lei 10.639/03, promovendo a inclusão da educação étnico-racial no currículo. Neste sentido, Gomes aponta para a importância direcionada a educação nas ações de lutas do movimento a partir do século XIX, e destaca:

---

<sup>2</sup>Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. É a constatação de Petrônio Domingues (DOMINGUES, 2007, p.101) ao recorrer a Regina Pahim Pinto (2003). No Brasil estas características fundamentais do Movimento Negro se constituem em 1970, com o objetivo de combater as desigualdades estruturais que atingiam a população negra no Brasil (PEREIRA, 2010), consolidando a partir desse período o Movimento Negro Brasileiro.

Nas ações e lutas desenvolvidas pela população negra nos séculos XIX, XX e no começo do século XXI, uma questão sempre atraiu a sua atenção graças ao seu papel estratégico na sociedade; a educação. Essa se tornou uma forte bandeira de luta do Movimento Negro no século XX (GOMES, 2011, p. 112).

No Brasil, a trajetória de luta dos movimentos por igualdade sociais começou a ganhar espaço a partir da segunda metade do século XX. No entanto, só a partir do ano 2000, o MNB passa a ter outra visibilidade, sai da fase de denúncias e passa para o momento de cobrança, intervenção no Estado e construção de políticas públicas de igualdade racial, afirma Gomes (2017, p.50).

No decorrer desse percurso a estratégia de ação se volta para a implementação de políticas de igualdade racial, partindo para a criação de leis como garantia de direitos. Toda essa trajetória de luta do Movimento Negro Brasileiro encontra lugar legitimamente ganhando direito à educação a partir do ano 2000.

Nesse contexto, de acordo o documento do parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), apenas a partir de 2003, com a eleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é que o reconhecimento em relação as diferenças existentes entre brancos e negros em nossa sociedade ganhou notoriedade na educação, bem como, iniciou-se um novo momento de estudos voltados para políticas de intervenção positiva na garantia de direitos básicos da população negra brasileira<sup>3</sup>.

Foi uma fase importante para história da educação do Brasil, momento que o referido presidente sancionou no mês de março de 2003 a Lei 10.639<sup>4</sup>, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96<sup>5</sup>, tornando obrigatória a inclusão dos conteúdos de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo do Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica, como confirma o parecer. De acordo com o parecer, em março do mesmo ano, o governo federal criou a Secretaria Especial de Políticas e Promoção de Igualdade Racial – SEPPIR, com ênfase a questão racial e objetivando promover e implantar políticas públicas para a construção de ações afirmativas e democráticas. Diante desses propósitos:

---

<sup>3</sup> Informações encontradas nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura Afro-brasileira e Africana. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/diretrizes-curriculares>> Acesso em: 30 abr. 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 02 abr. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acesso em: 05 abr. 2021.

O governo federal, por meio da Seppir, assume o compromisso histórico de romper com os entraves que impedem o desenvolvimento pleno da população negra brasileira. O principal instrumento, para isso, é o encaminhamento de diretrizes que nortearão a implementação de ações afirmativas no âmbito da administração pública federal. Além disso, busca a articulação necessária com os estados, os municípios, as ONGs (Organizações Não-Governamentais) e a iniciativa privada para efetivar os pressupostos constitucionais e os tratados internacionais assinados pelo Estado brasileiro. Para exemplificar esta intenção, cabe ressaltar a parceria da Seppir com o MEC por meio das suas secretarias e órgãos que estão imbuídos do mesmo espírito, ou seja, construir as condições reais para as mudanças necessárias (DCNs, 2004, p.8).

Assim, entende-se que ambos são instrumentos legais criados pelo governo para resgatar raízes étnicas e culturais do povo brasileiro. Nessa conjuntura o Conselho Nacional de Educação (CNE), com base na Lei 10.639/03, estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, dispostas no Parecer CNE/CP nº 03/2004 e na Resolução CNE/CP nº 01/2004, que tem como projeção orientar iniciativas de formação inicial e continuada, e processos de gestão escolar.

De acordo com Santos (2017), no ano de 2008, uma nova alteração ocorreu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, incluindo o ensino da História e da Cultura Indígena no currículo escolar, contemplando a partir de então o estudo de História e Cultura Afro-brasileira e Africana em consonância com a História e Cultura dos Povos Indígenas, através da nova Lei 11.645/2008, atendendo ao estudo de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.

A Lei nº 11.645, de 8 de março de 2008, estabelece que nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Ensino Médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. A lei deixa nítida a obrigatoriedade do ensino de conteúdos sobre a matriz negra africana e a matriz indígena na constituição de nossa sociedade no âmbito de todo o currículo escolar e sugere as áreas de educação artística e de literatura e histórias como áreas especiais para o tratamento desse conteúdo. (COSTA, 2018, p.112).

Nesse sentido, para o cumprimento das leis e diretrizes é preciso reaprender e organizar o que será discutido no âmbito escolar, incluindo novas percepções de conhecimento direcionado ao planejamento das aulas. Desse modo:

Faz-se necessária uma releitura ampla não apenas dos fatos históricos que marcaram a formação, o desenvolvimento e a consolidação do continente na dinâmica histórica ocidental, mas também uma revisão dos próprios pressupostos metodológicos nos quais se assenta a historiografia da África, a fim de que não se crie, em torno do continente, uma perspectiva estereotipada [...] (SILVA, 2007, p.47).

É importante estabelecer diálogo com os educandos com um olhar direcionado ao enfrentamento as desigualdades raciais existentes na escola e em seu sistema de ensino. Dessa forma, a escola exerce seu papel social cumprindo as orientações da legislação brasileira. Todavia, estas orientações reforçam para nós que estamos refletindo sobre o combate ao racismo e as desigualdades, a importância de desenvolver propostas de ensino com conteúdo que estejam em consonância com as referidas leis educacionais, promovendo assim, reflexões mais amplas na sala de aula.

De acordo com a Constituição do Brasil (1988)<sup>6</sup>, a educação é um direito de todo cidadão brasileiro, com isto, as instituições de ensino do país são orientadas através de leis, normas e diretrizes, a construírem documentos orientadores para desenvolver na prática as propostas estabelecidas, com o intuito de proporcionar e garantir a equidade na educação brasileira. Nesta sintonia, a Proposta de Plano Nacional de Implementação, enfatiza que:

A Lei n. 10.639/2003, que altera a LDB tem foco na educação escolar, e deve ser cumprida pelos sistemas de ensino. Não obstante, observa-se que os conselhos de educação, as secretarias estaduais e municipais de educação e o próprio Ministério da Educação não vêm atuando de forma sistemática e integrada no sentido de divulgá-la e de criar as condições sistêmicas para a sua efetiva aplicação.(BRASIL, 2008, p.13)<sup>7</sup>

Vale ressaltar que, talvez essa falta de atuação dos órgãos e setores organizacionais citados no comentário, tem contribuído para o não cumprimento das políticas educacionais estabelecidas no país. Entendemos que a escola precisa estar preparada para entender e identificar o que acontece no seu espaço e transformar suas vivências em aprendizagem, como constata Costa e Weiduschat (2018, p.110), “é preciso olhar mais de perto as experiências escolares que crianças, adolescentes e negros vivenciam. A escola precisa aprender, para assim propor situações de aprendizagem [...]”. Desta forma, o domínio aprofundado da temática pode superar dificuldades no desenvolvimento das propostas curriculares

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 09 abr. 2021.

<sup>7</sup> Proposta disponível

em:<[http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/contribuicoes\\_para\\_implementacao\\_da\\_lei.pdf](http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/contribuicoes_para_implementacao_da_lei.pdf)> Acesso em: 28 abr. 2021.

construídas com o intuito de acabar com as desigualdades causadas pelo preconceito racial no Brasil.

Ainda segundo Costa e Weiduschat (2018, p.111), o preconceito atua geralmente nas três dimensões: a moral, a intelectual e a estética, onde percebemos que as atribuições, as piadas e as brincadeiras que reforçam o preconceito racial, quase sempre revelam conteúdos racistas relacionados a essas três dimensões, afirmam os autores.

São diversos os desafios e barreiras enfrentadas para a efetivação e inclusão das orientações propostas nas leis no currículo escolar, e conseqüentemente, no contexto das discussões na sala de aula. Alguns desses desafios são fatores que parte muita das vezes desde a falta de interesse e do despreparo de boa parte dos profissionais docentes sobre a temática e do incentivo da própria instituição de ensino. Fatores que ainda colaboram com recorrência de práticas racistas e preconceituosas dentro da escola ou na sociedade.

Neste sentido, Silva (2007) assinala em seu texto uma série de práticas, e concorda que entre várias atitudes voltadas para a discussão do contexto pedagógico das relações étnico-raciais na escola, é coerente instituir estratégias pedagógicas de valorização da diversidade e superação da desigualdade étnico-racial, e incentivar práticas pedagógicas voltadas para um relacionamento positivo dessas questões, como forma de combate ao racismo e à discriminação.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC<sup>8</sup> (2017) apresenta normas que definem as competências que os alunos e alunas podem desenvolver ao longo da Educação Básica, ou seja, a BNCC integra o currículo, faz parte dele e auxilia na sua formação. Em seus termos, a BNCC não tem conteúdos na Educação Infantil, mas a partir do Ensino Fundamental ela traz os “objetos de conhecimento”, articula a construção de conhecimentos no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores dos educandos, como se observa na competência destacada a seguir:

---

<sup>8</sup> A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Ver, BNCC. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 30 abr. 2021.

Item 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2017, p.10).

Neste item 9 da BNCC, compreende-se que “exercitar a empatia” significa reconhecer que existe possivelmente uma pré-formação social que ainda não é o da empatia por aqueles que não se parecem comigo, o que pode ser compreendido e aprendido através dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil e oferecer meios para que a criança aprenda de forma participativa a enfrentar e resolver desafios que ajudem a construir sua identidade.

A BNCC considera muito relevante que o direito da criança conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer, momentos em que a Lei 10.639/03 pode ser incorporada, respeitando e cumprindo cada fase da Educação Infantil, o que é essencial para a aprendizagem e formação da criança.

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas. Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BNCC, 2017, p.36).

Os descritores nos direcionam para o diálogo entre estes e as relações étnico-raciais, apontam o quanto à prática do “conviver” é fundamental para que as crianças possam interagir com outros colegas vivenciando situações de respeito da cultura e diferenças em decorrência de si e do outro. O direito “conhecer-se” possibilita buscar informações das raízes familiares proporcionando reconstrução ou afirmação identitária.

Nessa medida, entendemos a necessidade de construir um currículo apoiado na BNCC com temáticas que contemplem suas competências e direitos a serem utilizados em práticas pedagógicas que dialoguem com o que orientam leis, normas e diretrizes nacionais para a educação.

Compreende-se que a fase da Educação Infantil é um período em que as relações interpessoais se iniciam. É nesta perspectiva que discutimos sobre as relações étnico-raciais no ensino infantil, usando como suporte de apoio a

intermídia, envolvendo diferentes ferramentas (informática, histórias em quadrinhos, audiovisuais, entre outros), denominados por Tanino (2011, p.11) de métodos didáticos, técnicas pedagógicas ou metodologias de sala de aula.

Partimos de uma concepção de educação que se preocupe com o enfrentamento do racismo no ambiente escolar a partir do trabalho de construção da reafirmação da identidade da criança negra a partir da Educação Infantil. Neste sentido, nossa proposta é apresentar a temática escolhida de forma lúdica e dinâmica utilizando a arte das Histórias em Quadrinhos, estas, segundo Alves (2001, n.p) além de informar e entreter tem em outros meios de comunicação de massa um papel na formação da criança.

Na Educação Infantil, além da criança contar com a convivência coletiva, as estratégias de ensino e ações pedagógicas utilizadas pelos professores têm papel significativo no desenvolvimento da aprendizagem. De acordo as Diretrizes Curriculares Nacionais (2009)<sup>9</sup>, neste nível de ensino:

[...] os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos etnicorraciais para a história e a cultura brasileiras (BRASIL, 2008, p.48)<sup>10</sup>

O contato das crianças com as diversidades é primordial nos anos iniciais de seus estudos, para a construção de uma sociedade com cidadãos e cidadãs conscientes, contemplando de início as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, pois, o combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas, deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da educação infantil (BRASIL, 2009).

Desta forma, entendemos que a ampliação no campo das questões das relações étnico-raciais viabiliza a realização de políticas públicas voltadas para o campo da educação, e por mais avançada que uma lei possa ser, é na dinâmica social, no embate político e no cotidiano que ela tende a ser legitimada ou não (GOMES, 2001).

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php>> Acesso em: 05 maio 2021.

<sup>10</sup> Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais Disponível em: <[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes\\_curric\\_educ\\_etnicoraciais.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_etnicoraciais.pdf)> Acesso em: 10 maio 2021.

Vale ressaltar a grande importância de analisarmos na Educação Infantil, o que está sendo contemplado das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Não basta considerar se as determinações legais configuram avanços no sistema educacional brasileiro, é preciso compromisso das instituições de ensino, principalmente dos setores formadores de profissionais para atuar junto aos educandos, que constroem e norteiam o currículo escolar. Entendemos que mesmo diante de tantos esforços, a efetivação dessas práticas ainda caminha lentamente e distante dos objetivos propostos para o ensino relacionado às questões étnico-raciais.

Segundo Santos (2017, p. 19) o desconhecimento da contribuição histórica e cultural dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil, gera um processo superficial no ensino, deixando lacunas na aprendizagem, ponto a ser repensado de maneira delicada na Educação Infantil. É importante explorar narrativas que contemplem diversos campos de informação e conhecimentos da história, incentivar o despertar da curiosidade do aluno sobre a sua origem e lugar no espaço. Nessa medida, entendemos que a escola diante da função da formação social de seus alunos, deve aprofundar-se em metodologias de apoio e embasamentos teóricos para efetivar na prática a luta contra o preconceito, partindo do interior do próprio espaço educacional.

Desta maneira, entendemos que a escola e o corpo docente precisam atuar de forma dinâmica, com responsabilidade e compromisso, promovendo uma educação antirracista para promover a igualdade e o respeito entre os alunos e todo o corpo escolar.

### **3 DEFINIÇÕES E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO NAS DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Adotar metodologias alternativas nos dias atuais é em grande medida uma necessidade, pois estamos inseridos em uma sociedade que avança rapidamente no campo tecnológico e diante de uma geração de pessoas que implora por novos desafios. Com isto, percebemos os avanços tecnológicos e as mídias cada dia mais presente no cotidiano escolar, e, como fonte de informação, tem proporcionado uma comunicação mais rápida e acessível. No âmbito escolar, os recursos midiáticos

também vêm ganhando espaço entre as metodologias na condução da didática de ensino.

De acordo com Tanino (2011, p.10), a didática é a área da Pedagogia que se preocupa com o ensinar. O termo, didática, surgiu com o significado de arte de ensinar, portanto, auxiliaria o aluno a aprender melhor, oferecendo diversidade ao ensino. Sendo desta forma, ponto significativo para o público de alunos da Educação Infantil, fase na qual a criança é atraída por imagens, cores e movimentos, características presentes na produção dos quadrinhos.

Neste sentido, destacamos as Histórias em Quadrinhos, que através de seus signos gráficos (imagem e a linguagem escrita) torna a didática de ensino mais diversificada, elencando diálogos e atividades que possibilitam ir além das propostas do livro didático, onde as histórias, memórias e valores civilizatórios da população afro-brasileira e africana nem sempre são expostos de maneira digna, ou vá além dos preconceitos existentes.

Várias são as definições dadas as Histórias em Quadrinhos, dentre elas, a apresentada pelo pesquisador Valdecir de Lima Santos (2013, p.22) em sua dissertação define as HQs como narrativas sequenciais que se articulam entre a linguagem verbal e a imagética. Para Wense (2015, p.13) quadrinhos é uma forma de arte que une texto a imagens com a finalidade de contar uma história.

As HQs dispõem de vários fatores essenciais e relevantes que podem colaborar para o trabalho didático com crianças (educandos) da Educação Infantil. Segundo Vilela (2012, p.46), na HQ os desenhos são tão importantes quanto às palavras, pois também são recursos narrativos, que fornecem informações ao leitor, provocando a curiosidade do aluno para a leitura de imagens.

No Brasil, as HQs também são conhecidas como Gibis, um termo que se tornou sinônimo de revista em quadrinhos nacionalmente, e segundo Chinen (2013, p.103) no sentido original Gibi significa menino ou moleque negro, definição consignada em dicionários como o Aurélio e o Houaiss. De acordo com Vilela (2012, p.52) o termo Gibi veio do nome de uma extinta revista do gênero, lançada pelo empresário e jornalista Roberto Marinho em abril de 1939.

Na educação precisamos estar cientes que lidamos todos os dias com diferentes sujeitos, com formas diferenciadas de aprendizagem onde cada um possui um ritmo diferente, desta forma precisamos somar toda essa bagagem de

ideias e conceitos referenciais para que possamos descobrir novas maneiras de ensinar e aprender.

Com estas perspectivas, apresentamos a HQ como sugestão a ser utilizada na didática de ensino das relações étnico-raciais. No entanto, não basta trabalhar as HQs em atividades sucintas no processo de aprendizagem ou em avaliações pontuais dos estudantes. Com isto, várias pesquisas apontam para a necessidade de buscar novas iniciativas e os cuidados na utilização das histórias em quadrinhos, já que estas:

[...] possibilitam, entre outras coisas, o incentivo à leitura, o aprendizado de línguas estrangeiras, a instigação ao debate e à reflexão sobre determinado tema, ou mesmo a realização de atividades lúdicas, como a dramatização a partir de uma história em quadrinhos (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p.6,7).

Diante dessas características é preciso pensar metodologias que mostrem diferentes caminhos no processo didático. O trabalho com quadrinhos em torno das discussões da temática étnico-racial na sala de aula tem o propósito de contribuir com a reconstrução da identidade do/a aluno/a negro/a, e, aos não negros despertar o respeito às diversidades, assim, os estudantes podem se apropriar do conhecimento e passam a gostar de sua cor, e seu apetite pelo saber aumenta, principalmente pelos assuntos sobre o continente africano.

A escola e sua equipe educacional, estrategicamente, precisam buscar metodologias para melhor conduzir a didática de ensino nas discussões étnico-raciais, projetando um diálogo com a interdisciplinaridade, envolvendo as diversidades no cotidiano com a participação ativa dos agentes educacionais, professores, alunos, pais e comunidade em geral. No entanto:

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/ realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade [...] (MUNANGA 2005, apud GOMES, p.147).

Nessa medida, encontramos na história em quadrinhos uma contribuição metodológica alternativa das metodologias comumente utilizadas no ensino por

apresentar um processo criativo e de transformação na postura do próprio professor no ensino infantil e nas demais fases da Educação Básica.

As HQs são universalmente lidas pelas crianças e até pelo público adulto, estando presentes em diferentes áreas, como em anúncios de jornais, livros, revistas, cartilhas, televisão, entre outros meios de comunicação. Contudo, no passado, as histórias em quadrinhos já foram consideradas impróprias para o desenvolvimento intelectual da criança, como observa Tanino (2011, p.12):

[...] Embora a exploração didática das histórias em quadrinhos no ensino tenha começado de forma tímida, pois eram vistas com desconfiança pelos professores, uma vez que acreditavam que eram responsáveis pela delinquência juvenil além de não estimularem a imaginação e a leitura [...].

Entretanto, essas impressões negativas já são ultrapassadas, com o avanço das pesquisas na área da educação e do desenvolvimento humano. Santos e Vergueiro (2012, p.83) enfatizam que, com o passar dos anos os conflitos entre histórias em quadrinhos e educação foram se amenizando gradativamente e a partir dos anos 1970 algumas narrativas do gênero gráfico começam a surgir em livros didáticos brasileiros. Atualmente a HQ é considerada uma forma de incentivar o aprendizado das crianças, tendo, por tanto, a função de educar e divertir durante o processo de ensino.

Diante dos aspectos metodológicos que apresentam a abordagem das histórias em quadrinhos no contexto da sala de aula, nossa perspectiva é colaborar para uma aprendizagem diversificada através de discussões tendo personagens negros como protagonistas na temática abordada.

### **3.1 CHEGADA DAS HQS NO BRASIL, PRINCIPAIS GIBIS BRASILEIROS E SEUS PERSONAGENS NEGROS OU MINORIAS**

A trajetória da chegada das histórias em quadrinhos no Brasil tem sido pauta de estudo de vários pesquisadores, assim, recorreremos há alguns para a construção deste tópico onde pontuamos períodos da inserção dos quadrinhos e alguns personagens negros ou minorias criadas para esta arte no país. Inicialmente destacamos as observações que retratam divergências referentes à exatidão da origem dos quadrinhos no Brasil:

Alguns autores consideram que o precursor da inserção das HQs em terras brasileiras foi o artista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, com sua revista: *As aventuras de Nhô Quim* ou *Impressões de uma viagem à corte*, publicada em 1869, pois estes trabalhos já exibiam uma composição visual ordenando imagens e textos em quadros sequenciais, caracterizando-se, assim, como uma história em quadrinhos. Outros autores consideram a publicação da revista *O Tico-Tico*, em 1905, como início oficial dos quadrinhos no Brasil. Esta revista trazia histórias cômicas que buscavam, principalmente, atingir ao público infantil [...] (SILVA, 2018, p.52).

De acordo com as informações comentadas, entendemos que as HQs se consolidaram no Brasil de forma gradativa entre os séculos XIX e XX. Dentro dessa trajetória, no ano de 1929 foi criada a *Gazeta Infantil* (Gazetinha), em 1960 foi a vez da *Turma do Pererê*, do artista Ziraldo enfocando personagens do folclore brasileiro (SILVA, 2018, p.53). Na sequência surgiram novos desenhistas com seus variados personagens, o que contribuiu para a expansão da arte dos quadrinhos por todo o país, e vem mantendo seu espaço nas mídias até os dias atuais.

Figura 1 – Capa da revista *A Turma do Pererê*



Fonte<sup>11</sup>: *Site guiadosquadrinhos*

Nesta figura 1, ilustração de capa da revista *A Turma do Pererê* de autoria de Ziraldo, o Pererê aparece interagindo com outros personagens da turma onde o menino negro é apresentado com características físicas que destoam da representação real de uma criança, seja ela negra ou não negra.

Já nas revistas do “Gibi” termo genericamente atribuído as HQs nacionais a partir do seu lançamento em 1939 (como explicamos no tópico anterior), observa-se em suas publicações que:

Desde o seu lançamento e em todas as versões que teve, o Gibi era representado por um mascote, um menino negro, que aparecia em muitas

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/turma-do-perere-a-n-1/>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

das capas e nos anúncios da revista, comunicando concursos, novos personagens, almanaques e edições especiais (CHINEN, 2013, p. 103).

Figura 2 – O Gibi



Fonte<sup>12</sup>: [www.researchgate.net](http://www.researchgate.net)

No entanto, é curioso o fato de que mesmo durante anos presente em capas e anúncios de várias edições da revista, o menino Gibi, nunca participou ou protagonizou das histórias contidas nas revistas (o menino negro aparecia sem identificação) o que reflete claramente o sinal de racismo. O que nos faz pensar sobre o real sentido da exposição de personagens de pessoas negras em publicações da arte. Neste sentido, outra curiosidade que merece reflexão é em relação ao personagem Pererê (Figura 1), do desenhista Ziraldo:

[...] historicamente o mais bem sucedido personagem negro das histórias em quadrinhos, não é um ser, humano ou animal, mas uma entidade mitológica, pertencente ao folclore brasileiro. Ou seja, o negro mais famoso dos quadrinhos brasileiros é alguém que não existe, que não serve de modelo ou ideal ao leitor negro (CHINEN, 2013, p. 104).

É notório que os personagens negros dos quadrinhos infantis não eram pensados na perspectiva de representação de modelo de pessoas, e sim, de usar seus personagens apenas para chamar atenção e divertir o leitor, sem se importar com as marcas que seus estereótipos poderiam causar.

Na revista *O Tico - Tico*, em 1905, início oficial dos quadrinhos no Brasil, nas variadas edições dos quadrinhos, entre os personagens de destaque estava um jovem chamado Azeitona, ilustrado por Luís Sá com pele extremamente escura,

<sup>12</sup>Capa com a imagem do personagem Gibi (O Gibi de 1939 e o da década de 1970). Disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/O-Gibi-de-1939-e-o-da-decada-de-1970\\_fig8\\_291599948](https://www.researchgate.net/figure/O-Gibi-de-1939-e-o-da-decada-de-1970_fig8_291599948)>. Acesso em: 20 jun. 2021.

olhos grandes, lábios enormes e avermelhados (SILVA, 2018, p.53) caracterizando a pessoa negra com fenótipos extremamente exagerados.

Na sequência, outras personagens negras foram criadas seguindo esse padrão com estereótipos racistas, como mostra a figura 3, a Lamparina (1924) do desenhista J. Carlos e a Maria Fumaça (1950), está última é do mesmo criador do Azeitona (Luís Sá) ambas personagens apareceram na revista *O Tico-Tico*, posteriormente a Nega Maluca (1995), criada por Newton Foot, sua primeira aparição na *Revista Lúçifer* (SANTOS, 2017).

Estes são apenas alguns dos personagens que nos chamam a atenção, pois apesar de serem criadas em épocas distintas, possuem praticamente as mesmas semelhanças e características estereotipadas, e não encontramos nelas o pensamento representativo.

Figura 3 – Lamparina, Maria Fumaça e Nega Maluca



Lamparina, de J. Carlos, 1924; Maria Fumaça, de Luiz Sá, 1950; Nega Maluca, de Newton Foot, 1995.

Fonte<sup>13</sup>: Site Geledés – Instituto da Mulher Negra

Ao analisar a figura 3, encontramos elementos característicos entre as três personagens que vão dos traços físicos como descrito em parágrafo anterior, até as vestimentas, a Lamparina aparece apenas com algo semelhante a uma saia, as demais usam roupas e acessórios não usuais por mulheres não negras da sociedade e também é muito evidente a animalização presente nas personagens.

Na década de 1950, surgiu no cenário nacional Maurício de Sousa, como um novo autor de histórias em quadrinhos do país com criações direcionadas ao público infantojuvenil. Seu primeiro personagem negro foi o Jeremias criado em 1960, de acordo com Agostinho (2018, p.4) o personagem Jeremias apareceu pela primeira

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/entre-o-grotesco-e-o-risivel-o-lugar-da-mulher-negra-na-historia-em-quadrinhos-no-brasil/>>Acesso em: 08 maio 2021.

vez numa revista no mesmo ano da sua criação, durante todo esse período sofreu uma série de transformações no seu visual.

Jeremias é um dos primeiros personagens a participar junto com a *Turma da Mônica*, revista sobre a qual dialogaremos no próximo tópico, quadrinho que consagrou o nome de Maurício de Sousa na arte das HQs nacionais, autor também de outros personagens negros, entre eles o Pelé e o Ronaldinho Gaúcho, que foram produzidos com base em pessoas reais.

A mais nova personagem negra de Maurício é a Milena uma criança/menina, personagem que faz parte do objeto de estudo desta pesquisa. Sua estreia aconteceu na HQ “Adoção” na revista *Turma da Mônica* Nº 42, de 2018, e segundo sugere o BLOGARQUIVOTURMADAMONICA(2019)<sup>14</sup>, a Milena é uma personagem criada para suprir a ausência da representação negra feminina com atuação fixa na HQ interagindo com a *Turma da Mônica*, pois até então apenas Jeremias teve essa função.

Contudo, diante desta breve apresentação e análise realizada sobre alguns personagens negros, notamos que geralmente estes atuaram em papéis secundários e expostos com estereótipos racistas, a exemplo dos personagens Gibi, Pererê, Azeitona, Lamparina, Maria Fumaça, Jeremias, Nega Maluca entre outros personagens de cor “negra”, exibidos de forma que não transmitiam aos leitores representatividade positiva.

Notadamente existe uma grande exploração no sentido publicitário e humorístico para as HQs, os personagens negros geralmente atuavam na figuração complementar e de forma a fazer o leitor rir com suas caricaturas ou situações representadas nos quadrinhos, não agregando valores construtivos ao pensamento do leitor.

Os personagens do Pelé e Ronaldinho Gaúcho foram espelhados em pessoas reais no auge da fama de jogadores de futebol brasileiro. Por serem de criações mais recentes surgem com uma ilustração mais próxima da realidade, despertando assim a curiosidade e o encanto do público infantojuvenil. Porém, apesar de serem criações mais recentes observamos que o quadrinista também não buscou adentrar à temática das questões étnico-raciais.

---

<sup>14</sup> Disponível em: < <https://arquivosturmada Monica.blogspot.com/2019/01/estreia-da-personagem-milena-em-turma-da-monica-45-panini.html> > Acesso em: 10 maio 2021.

Recentemente na *Turma da Mônica* surgiu a Milena, trazendo certa positividade nas questões raciais e de gênero, onde a criança negra tem a oportunidade de se reconhecer e sentir-se representada na protagonista de uma narrativa da HQ.

Mesmo de forma tímida, a personagem Milena atende as demandas sociais colaborando na construção identitária da criança negra e para a desconstrução de estereótipos racista físico ou cultural predominantes na arte. De acordo com Wense (2015, p.15), “nas produções voltadas para o público infanto-juvenil, o estereótipo físico é o mais encontrado em animações e quadrinhos produzidos até 1950 [...]”. Contudo, diante das ações do Movimento Negro Brasileiro, já refletido neste estudo, por volta de 1980 e 1990 alguns questionamentos sobre a representatividade do negro na mídia começaram acontecer (AGOSTINHO, 2018, p.9), o que ajudou a promover ações afirmativas não só no sistema de educação e nas mídias, mas em vários setores da sociedade brasileira.

### **3.2 APRESENTAÇÃO DA TURMA DA MÔNICA E ALGUNS DE SEUS PERSONAGENS NEGROS OU MINORIAS**

A *Turma da Mônica* é uma revista de criação de Maurício de Sousa, na qual sua produção conta com uma variedade de personagens fictícios, alguns já destacados neste estudo, cada um com suas particularidades, apresentando a realidade de diferentes formas, o que possivelmente atrai o interesse do leitor das HQs nos diversos públicos de consumidores. Para conhecer um pouco da origem da referida revista, encontramos em Sofia Bocca (2015, p.21) algumas informações:

Mauricio de Sousa produziu inicialmente o cachorro Bidu, que ganhou sua revista própria em 1960. Devido ao êxito dessa, resolveu criar outros personagens. No mesmo ano, deu vida ao Cebolinha e, no ano seguinte, ao Cascão. Em 63, surgem a Mônica e a Magali. Os dois primeiros foram inspirados em amigos de infância do quadrinista, e as duas últimas em suas filhas. Durante os anos 60, a personagem Mônica foi publicada em tiras de jornal e nas histórias do Cebolinha. A partir da década de 70, ganhou sua própria revista. Os personagens foram publicados, de 1970 a 1986, pela Editora Abril com o título inicial “Mônica e sua Turma”. De 1987 a 2006, os gibis foram publicados pela Editora Globo, e a partir de então, até os dias de hoje, pela Panini Comics.

Nessa trajetória observamos que Maurício de Sousa consolidou sua carreira na arte dos quadrinhos nacionais a partir da revista *Turma da Mônica*, cujo núcleo

central atualmente continua formado pelos personagens da própria Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali, conforme aparecem na figura 4 acompanhados do cãozinho Bidu, o primeiro personagem criado por Maurício de Sousa em 1959.

A revista *Turma da Mônica* contém personagens com os quais os alunos podem se identificar, além de uma boa diagramação conta com uma linguagem acessível e temas atuais (BOCCA, 2015, p.37), fatores que podem justificar o sucesso entre o público consumidor.

Figura 4 – A Turma da Mônica



Fonte<sup>15</sup>: Segredos do mundo

Como já observamos, e na perspectiva de Wense (2015, p. 70) uma das poucas produções infantojuvenis brasileiras com grande relevância e com personagens humanos é a “*Turma da Mônica*”, criada nos anos 60. Entre os vários personagens que moram no bairro fictício do Limoeiro, apenas um é negro (Jeremias).

Figura 5 – Personagem Jeremias



<sup>15</sup> Disponível em: <<https://segredosdomundo.r7.com/turma-da-monica-origem>>. Acesso em: 28 maio 2021.

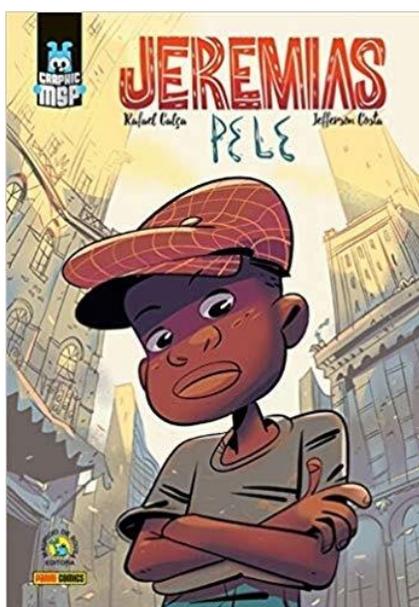
Fonte<sup>16</sup>: Turma da Mônica Wiki

Ao longo dos anos os traços físicos do personagem passaram por diversas transformações, como demonstra o quadro da evolução do Jeremias conforme a figura 5. Inicialmente o rosto dele era representado basicamente como uma elipse preta com duas outras brancas menores servindo de olhos, a cor da pele era extremamente escura nas duas primeiras décadas. Nas décadas seguintes algumas alterações ocorreram na apresentação do personagem, permitindo ressaltar questões relativas às práticas discursivas que aludem às identidades negras no Brasil.

[...] Jeremias, nessa primeira periodização, fazia parte de um cenário social e dialogava com questões culturais. Suas primeiras aparições, ainda no momento em que os quadrinhos eram produzidos apenas em preto e branco, mostravam o personagem pintando de nanquim. [...] A partir de 1961, Jeremias se caracterizou dialogicamente dentro de um estereótipo conhecido como blackface, designação inicialmente dada para a caracterização de personagens do teatro com estereótipos racistas atribuídos aos negros (AGOSTINHO, 2018, p.8).

Neste sentido, mesmo diante de algumas transformações no fenótipo do personagem Jeremias, em sua recente versão, exposto na figura 6, sua representação nas HQs de Maurício sempre esteve à margem da representatividade da pessoa negra nas mídias culturais, bem como não foi produzido por seu autor como sujeito condutor de transformação social.

Figura 6 – Capa da HQ Pele - Jeremias



<sup>16</sup> Disponível em: <<https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Jeremias>> Acesso em: 28 maio 2021.

Fonte<sup>17</sup>: Site jornalspnorte.com

Esta capa da HQ do projeto Graphic MSP, *Jeremias – Pele*, em lançamento recente veio com uma nova apresentação de traços mais encorpado. Segundo informações (*SITE JORNALSPNORTE*, 2018)<sup>18</sup> a HQ *Pele* foi escrita por Rafael Calça<sup>19</sup> e desenhada por Jefferson Costa<sup>20</sup>, uma criação da MSP, com a intenção de corrigir uma injustiça histórica com o Jeremias nos seus quadrinhos. Ainda de acordo com dados do *SITE JORNALSPNORTE* Maurício de Sousa afirmou no prefácio da nova HQ do projeto Graphic MSP, *Jeremias – Pele*, que “apesar de ser um de meus primeiros personagens, o Jeremias nunca havia protagonizado uma revista sequer” (*SITE JORNALSPNORTE*, 2018). No entanto, fica a dúvida, será que realmente Maurício e a MSP estão atentando para as demandas atuais ou só buscando lucro atingindo um público que pedia por essas HQs representativas?

Como já citamos, outros personagens negros criados por Maurício são os jogadores de futebol Pelé ou Pelezinho, e o Ronaldinho Gaúcho, jogadores de grande notoriedade do esporte brasileiro que se destacaram entre os séculos XX e XXI. A série do Pelé criada pela Mauricio de Sousa Produções estreou em 1976, como tiras diárias veiculadas pelo jornal Folha de S. Paulo, devido ao sucesso posteriormente Pelé ganhou uma revista individual.

Observamos que o personagem Pelé aparece nos quadrinhos na versão infantil, o *Pelezinho*, direcionando um maior impacto publicitário a este público de leitores, o qual é desenhado com estereótipos físicos exagerados, como podemos

---

<sup>17</sup> Capa atual do quadrinho *Jeremias Pele* – Apresentado em um formato infantil mais denso. Disponível em: <<https://www.jornalspnorte.com.br/jeremias-pele-nova-hq-da-protagonismo-inedito-a-personagem-de-mauricio-de-sousa/>> Acesso em: 17 jun. 2021.

<sup>18</sup>Matéria do Jornal SP Norte - Jeremias – Pele: nova HQ dá protagonismo a personagem de Maurício de Sousa. Disponível em: <<https://www.jornalspnorte.com.br/jeremias-pele-nova-hq-da-protagonismo-inedito-a-personagem-de-mauricio-de-sousa/>> Acesso em: 17 jun. 2021.

<sup>19</sup> Nascido em 1984, é um ilustrador e roteirista brasileiro de histórias em quadrinhos. Fez ilustrações para diversos livros e revistas, incluindo publicações das editoras Abril, Ática, Globo, LeYa e Moderna, entre outras. Participou de coletâneas de quadrinhos como Front e Quebra-Queixo: Technorama. Em 2013, lançou a HQ independente Duetto. Disponível em: <[https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Rafael\\_Cal](https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Rafael_Cal)> Acesso em: 17 jun. 2021.

<sup>20</sup>Nascido em São Paulo, no ano 1979, é um ilustrador e quadrinista brasileiro. Foi autor de diversos quadrinhos, como a adaptação do livro Kiss me Judas, além de publicações como Quebra Queixo Technorama, A Dama do Martinelli, La Dansarina e trabalhos nas coletâneas Front e Bang Bang. Disponível em: <[https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Jefferson\\_Costa.](https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Jefferson_Costa.)> Disponível em: 17 jun. 2021.

observar na figura 7, na publicação de capa da edição especial dos 50 anos do Pelé, na revista intitulada *Pelezinho*. Aparentemente:

[...] Na vida real, Pelé sempre se manteve numa posição de neutralidade e nunca manifestou abertamente seu engajamento em relação à causa negra [...]. Nesse universo idealizado, não há menção a episódios de preconceito ou discriminação, mas a caracterização dos personagens segue o estereótipo comum das caricaturas étnicas [...] (CHINEN, 2013, p.225).

Cabe ressaltar a necessidade do enfrentamento do racismo no Brasil o qual muitas vezes está disfarçado nos meios de informação e comunicação de alcance da sociedade brasileira.

Figura 7 – Capa da revista Ronaldinho Gaúcho e Pelé (*Pelezinho*)



Fonte<sup>21</sup>: Site dom total

No início do século XXI outro jogador que teve sua representação nos quadrinhos é o Ronaldinho Gaúcho, sua revista foi lançada em 2006, auge da carreira de jogador. De maneira semelhante às histórias de *Pelezinho*, as de Ronaldinho são ambientadas na infância do jogador, como podemos analisar na figura 7. Em 2008, um quadrinho de Ronaldinho gerou discussão entorno de estereótipos racistas, situação envolvendo uma personagem do seu núcleo:

Uma história de Ronaldinho Gaúcho publicada no número 24, de dezembro de 2008, chegou a criar uma certa polêmica por causa da personagem Deise, que, ao se ver no espelho com o cabelo desarrumado, se comparava a um mico leão. Alguns leitores viram um componente de racismo nesse

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia>> Acesso em: 28 maio 2021.

episódio por tratar com preconceito um tipo de cabelo mais comum em pessoas afrodescendentes. Involuntariamente, Mauricio tocou numa questão particularmente delicada que é a da autoimagem e da valorização de um padrão de beleza em detrimento de outro, aspectos que devem ser trabalhados na educação das crianças na construção de sua própria identidade (CHINEN, 2013, p. 227).

Desta forma, mesmo o desenhista não adentrando diretamente nas questões étnico-raciais e sobre a representatividade negra em suas narrativas, percebemos que o público leitor de histórias em quadrinhos está atento aos contextos publicados, demonstrando o quanto essa arte é influente e pode agregar valores na construção da identidade das crianças negras ou minorias.

Contudo, diante das críticas e cobranças relacionadas à ausência da representatividade do feminismo negro na revista da *Turma da Mônica* e entre os demais personagens da MSP, foi pensada uma personagem com essa proposta para os quadrinhos, e assim, Mauricio de Sousa apresenta a Milena, uma criança negra do gênero feminino, lançada em 2019, na edição 45 da revista *Turma da Mônica*, tema do próximo capítulo.

#### **4 DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E ETNIA E A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA/MENINA NEGRA NAS HQS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

Neste capítulo, a nossa discussão é direcionada a uma breve análise sobre questões das desigualdades de gênero e etnia no Brasil, e o papel da representação das mulheres nas histórias em quadrinhos. Dentro desse contexto apresentamos a personagem Milena, como resultado do processo dessas questões na arte dos quadrinhos nacionais. Onde analisamos como ela surgiu, em qual contexto sua imagem foi construída e com qual propósito foi criada, destacando a importância e as possibilidades da utilização da representação da criança negra nas mídias e o protagonismo do gênero feminino da personagem no diálogo com as crianças da Educação Infantil.

A posição em que as mulheres apareciam nos quadrinhos nacionais são motivos de discussões por estudiosos e defensores da luta por igualdade de gênero e etnia no combate do racismo e dos estereótipos que marcaram a presença da mulher nas HQs, muitas vezes apresentadas como um ser sensual, frágil, submissa, sempre conduzida em segundo plano nas narrativas. São condições atribuídas em

sua medida principalmente a mulher negra, especificamente quanto ao sexo e a cor, situações que o Brasil tem se esforçado para anular e promover a inclusão social e o respeito mútuo entre os meios representativos e na população de uma forma geral, partindo do pressuposto que:

O Brasil é um país marcado por desigualdades: sociais, econômicas, regionais, etárias, educacionais. Transversalmente a estas, permeando e potencializando os seus mecanismos de exclusão, estão as desigualdades de gênero e de raça. A pregnância do legado cultural escravocrata e patriarcal é, ainda, de tal forma profunda que, persistentemente, homens e mulheres, brancos e negros continuam a ser tratados desigualmente [...] Apesar da igualdade formal, presente na letra da lei e de importância inquestionável, é na vivência cotidiana que a ideologia que reforça iniquidades de gênero e raça é mais explicitamente percebida [...] Nos bancos escolares, no interior das empresas, nas cidades, nas famílias, no campo, no interior dos lares, nos hospitais, nas favelas e em cada parte da nossa sociedade, negros são discriminados por sua cor/raça e mulheres, por seu sexo (PINHEIRO, 2008, p.11).

Diante do exposto, pensar nas desigualdades de gênero e etnia na educação significa pensar em como o processo educacional pode reforçar a valorização das experiências associadas ao feminino e ao masculino e etnias, e em como este mesmo processo pode reproduzir preconceitos e discriminações associadas ao sexo e à sexualidade entre negros e brancos.

No entanto, a partir da efetivação das leis e diretrizes educacionais já discutidas neste estudo, nota-se nos últimos anos que a população brasileira vem demonstrando mudanças no seu comportamento em relação ao pertencimento de grupo, sinalizando mudanças positivas nos padrões culturais da população.

A atuação da criança (menina) negra em papel de destaque em uma revista de publicação nacional é um fator a ser considerado como um avanço ou uma conquista, já que a desigualdade de gênero e entre pessoas negras e pessoas brancas é recorrente nesse meio. Existe uma grande diferença entre o número de personagens masculinos e femininos atuantes nas HQs, sendo o número de mulheres consideravelmente inferior.

Contudo, observamos que as mulheres são minorias principalmente no quesito protagonista, e se formos mais além, ao relacionar as questões de gênero e cor, as disparidades aumentam consideravelmente, ou seja, a discriminação motivada por sexo e por pertencimento a um grupo racial encontra-se disseminada em diversos campos da vida social, com isto:

Em relação às representações apresentadas nas histórias em quadrinhos, a participação feminina em quadrinhos ainda encontra obstáculos em termos de ausência de protagonismo e representações objetificadas, assim como também a participação de personagens de outras etnias em posição de relevância [...] (CARMO; FARIA, 2017, p. 375).

Nessa medida, apresentamos uma personagem que une essa representatividade em uma criança negra do gênero feminino com a atuação em papel de destaque nos quadrinhos, considerando como um sinal de quebra aos obstáculos no caminho para a igualdade de direitos.

#### **4.1 APRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM MILENA E SUA UTILIZAÇÃO PARA DISCUSSÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nessa discussão iniciamos analisando a personagem Milena Sustenido, criação de Maurício de Sousa, ela é uma criança, menina de pele negra, olhos pretos e cabelos cacheados, de características afrobrasileira. Usa roupas coloridas e despojadas típico de toda criança. É cheia de atitude e muito habilidosa.

Com fortes raízes musicais, a criança tem um talento excepcional no piano, o que a prevalece dos demais membros de sua família [...] Milena é uma menina de 7 anos de idade, filha do meio de sua família composta por sua irmã mais velha Sol, seu irmão mais novo Binho, seu pai e sua mãe, que é veterinária. Milena foi apresentada aos quadrinhos como uma das melhores amigas de Mônica, [...] O sobrenome da família de Milena, Sustenido, é um símbolo musical que significa uma elevação de meio tom de uma nota. Note que os nomes dos membros da família Sustenido seguem o tema musical: Milena seria a nota "Mi", os pais Silvia e Renato seriam as notas "Si" e "Re", e os irmãos Fabinho e Solange seriam as notas "Fa" e "Sol" (Sem autor, 2021)

Diante das informações apresentadas os elementos constituintes da personagem transmitem a ideia da importância interação do núcleo familiar na estruturação das narrativas no diálogo com a protagonista, possíveis estratégias de conquista do público leitor infantojuvenil.

Nas descrições físicas da Milena apresentada na figura 8, observamos nela a ausência da carga de estereótipos racistas atribuídas nas caricaturas dos personagens negros anteriores a ela, como o Jeremias e outros já citados nesta pesquisa.

Figura 8 – Milena Sustenido



Fonte<sup>22</sup>: Turma da Mônica Wiki

A primeira vez que a Milena apareceu em público foi como personagem humano em um evento aberto "Corrida Donas da Rua" em São Paulo, final de 2017, um evento do *Projeto Donas da Rua da MSP* em parceria com a ONU Mulheres<sup>23</sup>. Ambos defendem o empoderamento feminino e a igualdade de gênero. A pauta do referido Projeto direcionou o desenhista para a criação dessa nova personagem que foi pensada e construída com uma visão sobre uma nova perspectiva de representar a criança negra e com traços assemelhados aos demais personagens de seus quadrinhos.

---

<sup>22</sup>Disponível em <[https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Milena#cite\\_note-familia-2](https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Milena#cite_note-familia-2)> Acesso em: 01 jun. 2021.

<sup>23</sup> O projeto Donas da Rua conta com a parceria da ONU Mulheres, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. Nas plataformas digitais da Turma da Mônica, podemos encontrar informações sobre meninas e mulheres que fizeram história. Disponível em: <<https://turmadamonica.uol.com.br/donasdaruaprojeto.php>> Acesso em: 01 jun. 2021.

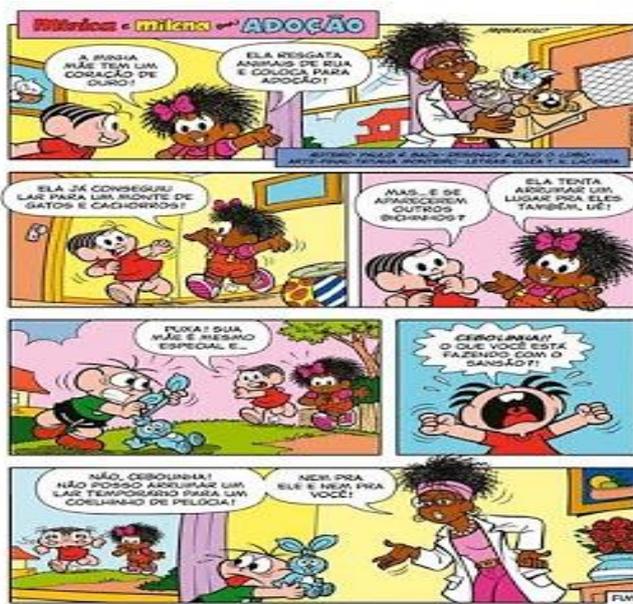
De acordo com Osmar Portilho (2019, n. p)<sup>24</sup>, a nova personagem foi criada para atender demandas sociais a partir de reivindicações relacionadas à falta de personagens negras nos quadrinhos da MSP, em razão do leitor poder se identificar. Desta forma:

O lançamento de Milena e sua família está inserido no projeto Donas da Rua, que tem o apoio da ONU Mulheres. “Desde 2016 venho participando de eventos que discutem a importância da representatividade. É fundamental que as meninas e os meninos negros possam se reconhecer nas histórias em quadrinhos, desenhos e espetáculos. Nossos personagens podem contribuir para isso”, diz Mônica Sousa, diretora executiva da Mauricio de Sousa Produções (REVISTAQUEM.GLOBO, 2019)<sup>25</sup>.

Esse novo projeto de compor a *Turma da Mônica* com novos componentes negros para interagir com os demais personagens, reforça o valor da opinião pública na atuação das ações de cobranças na sociedade, fomentando o espaço das mulheres negras em personagens dos quadrinhos.

Nos quadrinhos a Milena surgiu pela primeira vez protagonizando com a Mônica em uma história de uma única página do gibi 'Mônica Nº 42', de outubro de 2018, com o título “*Mônica e Milena em Adoção*”, como podemos observar na figura 9, uma atuação simples, com a intenção de apresentá-la aos leitores.

Figura 9 – HQ nº 42 - *Mônica e Milena em Adoção*



<sup>24</sup>Disponível em:<<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/01/29/negra-e-cheia-de-autoestima-quem-e-milena-nova-personagem-da-turma-da-monica.htm>> Acesso em: 03 maio 2021.

<sup>25</sup> São declarações de Mônica Sousa, diretora executiva da Mauricio de Sousa Produções à revista Quem. Disponível em:<<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/01/mauricio-de-sousa-apresenta-familia-negra-na-turma-da-monica-conheca.html>> Acesso em:03 maio 2021.

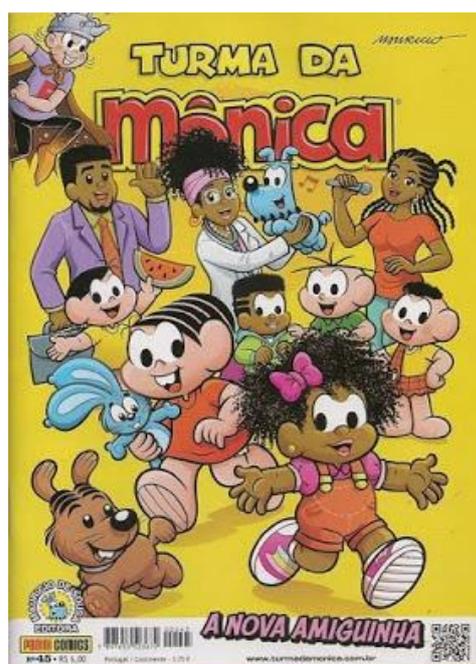
Fonte<sup>26</sup>: Blog [arquivosturmadamonica](http://arquivosturmadamonica.com)

Nesta apresentação a Milena interage com a Mônica, dialogando sobre a importância do trabalho desenvolvido por sua mãe (Sílvia). No primeiro quadrinho Milena apresenta para Mônica a sua mãe, a Veterinária que cuida dos animais abandonados nas ruas tratando e colocando-os para adoção. Na sequência elas saem pela rua e se deparam com o Cebolinha que também faz parte do elenco, onde ele surge praticando suas travessuras com o coelho da Mônica.

É bastante comum a mulher negra aparecer nas HQs de forma subliminar, o que gera discussões em torno do direito de espaço e valorização nas mídias, em meios de comunicação e outras áreas de representação. Segundo Carmo e Faria (2017) essas representações ficcionais construídas nos quadrinhos podem colaborar como ferramenta de identificação do público. Atualmente podemos considerar os avanços acerca desse discurso, como os exemplos das mulheres negras (Milena e Sílvia) representadas na HQ *Mônica* nº 42 que atuam demonstrando independência e espontaneidade, como pode ser analisado na figura 9.

Em janeiro de 2019 a Milena é lançada oficialmente no gibi N° 45 da *Turma da Mônica* com o título “*A Nova Amiguinha*”, como mostra na figura 10, a capa de apresentação conta com sua família e vários outros personagens da *Turma*.

Figura 10 – Capa da HQ nº 45 - *A Nova Amiguinha*



<sup>26</sup> Disponível em: <<https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2019/01/estreia-da-personagem-milena-em-turma-da-monica-45-panini.html>> Acesso em: 05 jun. 2021.

Fonte<sup>27</sup>: Blog arquivosturmadamonica.

A ilustrativa de apresentação do gibi traz a protagonista Milena logo abaixo como destaque, e sua família, como representatividade de uma família de pessoas negras ou afrodescendentes.

Os traços dela são semelhantes aos demais da turma, deixa ela numa categoria de humanidade igual aos personagens brancos e consagrados. Diferente dos personagens negros apresentados anteriormente. As características mais marcantes das personagens da *Turma da Mônica* são as figuras que se assemelham ao ser humano, porém, desenvolvidas de forma simplificada, o que chama a atenção das crianças também para a reprodução artística.

Estes fatores ressaltam por sua vez o cuidado do autor ao construir a personagem da menina negra sem continuar reproduzindo estereótipos com fenótipos racistas nos quais personagens negros sempre foram privilegiados com essa marca, fato muito comum nos quadrinhos no passado. Tal medida demonstra certo cuidado e respeito às demandas da sociedade atual.

A edição da revista nº 45 *Turma da Mônica* “*A Nova Amiguinha*” objeto de análise deste estudo está apresentada em 17 páginas, estruturadas na linguagem escrita e de imagens, distribuídas em cerca de 60 quadrinhos. São aproximadamente 16 personagens componentes da história. A apresentação de capa tem um estilo bem colorido e os personagens apresentam-se de forma descontraída, incluindo também os cachorros Monicão e Bidu que contracenam na história com a personagem principal.

A história inicia-se com a chegada da família da Milena para morar em um bairro fictício de nome “Limoeiro” local que já faz parte das narrativas criadas pelo desenhista. A revista “*A Nova Amiguinha*” foi desenvolvida tendo como destaque principal a personagem Milena, a representatividade da mulher negra protagonizando nos quadrinhos da MSP, demonstrando uma criança de atitude autêntica que enfrenta o desafio de conquistar amigos no novo bairro que passou a residir com sua família.

A introdução da história fala sobre a força e importância da amizade entre as pessoas, que é a problemática apresentada na HQ. O primeiro quadrinho da história

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2019/01/estreia-da-personagem-milena-em-turma-da-monica-45-panini.html>> Acesso em: 05 jun. 2021.

apresenta a Milena em casa, triste e desmotivada por não ter amigos. No diálogo conduzido no contexto, seu pai Renato, sugere que ela saia de casa para conhecer o bairro na intenção de conhecer também novas pessoas. No entanto, ela reluta e responde “Aqui é chato! Nada acontece!” (2019, p.4), na sequência, o pai sugere que Milena vá à procura de novos amiguinhos já que seus irmãos Binho e a Sol saíram para se divertir com os novos amigos e ela acabou ficando sozinha.

Na continuidade dos quadrinhos a menina resolve sair de casa e ir até o local de trabalho da mãe pedir explicações sobre o cãozinho Bidu que aparece falando com uma pedra logo no primeiro quadrinho da história. Ao chegar ao local de trabalho da mãe, a menina se depara com atrapalhadas e confusão envolvendo alguns animais. A partir daí começam as aventuras da protagonista incluindo outros personagens que contracenam em papéis secundários na HQ.

No meio da confusão Milena sai em busca de capturar o cãozinho Monicão que fugiu da Clínica Veterinária, essa ação contou com a agilidade e habilidade da menina, e ao final, após passar por momentos de aventuras e interação com outros personagens a Milena foi reconhecida como corajosa por se arriscar ao resgatar o cão. Diante dos fatos ocorridos, ela consegue fazer várias amizades no bairro, e assim à história chega ao fim.

Figura 11 – Cenas da HQ nº 45 – A Nova Amiguinha



Fonte: Blog [arquivosturmada Monica](http://arquivosturmada Monica)

O enredo da história apresenta elementos importantes que caracterizam a personalidade da personagem principal, como as suas atitudes de insegurança no início da trama, a curiosidade que a fez sair em busca de respostas e da coragem ao enfrentar perigos no resgate do cãozinho, todos esses fatores atuam como reflexos positivos para outras crianças negras que buscam se reconhecer em uma personagem mais próxima da realidade humana.

Destacamos também a relevância na representação de outra personagem feminina negra no núcleo da HQ nº 45, a dona Sílvia, mãe da Milena. Geralmente parte das mães das personagens principais são donas de casa, fato que demonstra uma visão machista e de reforço aos poderes existentes dentro da sociedade. No entanto, na história dona Sílvia representa uma mulher negra, veterinária e dona de uma clínica de atendimento aos animais. Uma representação forte e positiva do empoderamento da mulher negra nos espaços de mídias e na sociedade.

Pontuamos que não é nosso propósito nesse trabalho julgar se a atitude de criar uma personagem negra e mulher como protagonista na ocasião constitui a perfeição, ou se é a solução para completar lacunas ou reparar erros do passado no que remete as questões étnico-raciais ou de gênero, questões sociais que até recentemente estiveram à margem das produções da MSP. Nosso foco é analisar possibilidades de aprendizagem que nos direcione para a construção identitária das crianças negras de forma mais lúdica.

Diante do avanço representativo da criança/menina negra nas histórias em quadrinhos, e neste caso específico como a primeira mulher negra nos quadrinhos da MSP, nos permite pensar sua utilidade nas discussões étnico-raciais com crianças/educandos da Educação Infantil, utilizando elementos da história, colocando-as como protagonista de sua história, o que pode ser um passo no enfrentamento do racismo e desigualdades recorrentes.

A partir desse contexto podemos concordar com Weschenfelder (2013, p.75) quando ele afirma: [...] “o aparecimento do negro nas histórias em quadrinhos, não traz somente uma superação diante da segregação e do racismo. Ele traz um sentido de igualdade racial [...]”, o que reforça nossa perspectiva para desenvolver metodologias de ensino com o uso das HQs, e assim poder disseminar o sentimento de igualdade para as crianças.

Esta linha de pensamento soma-se ao processo de desconstrução de estereótipos racistas e preconceituosos na mídia dos quadrinhos. Neste sentido,

podemos pensar que ao projetar um trabalho direcionado para crianças fazendo uso dessa ferramenta midiática, desenvolvemos no público infantil a consciência crítica para a formação da sua identidade podendo construir conhecimentos sobre si e sobre outros aspectos da vida social.

Assim, analisamos possibilidades de desenvolver práticas pedagógicas a partir da utilização da personagem Milena e sua história. Como público alvo, os alunos da Educação Infantil visando à construção e a afirmação da identidade cultural e étnica, tendo como base a Lei 10.639/03 que visa à valorização da cultura africana e a redução do preconceito racial, contribuindo para a superação do racismo.

Como sugestão para didática de ensino a HQ edição nº 45 da Milena, por ser uma criança, mulher negra, membro de uma família afrodescendente, adjetivos que valorizam as individualidades das crianças de forma mais prazerosa, o que proporciona desenvolver trabalhos educativos mais satisfatórios.

Um dos indicativos para esse trabalho é analisar meios que privilegiem a igualdade racial e de gênero dentro ou fora do ambiente escolar. E nessa medida, é necessário entender que conhecer e valorizar a história e cultura da África é valorizar a cultura brasileira.

Diante disso, utilizar a personagem Milena e o fato da sua estreia nos quadrinhos com atuação principal na narrativa, é exemplo de conquista de demandas sociais e serve como iniciativa para trabalhar o protagonismo e empoderamento, como resultados positivos de conquistas de espaço e poder, e o reconhecimento de direitos sociais e de inclusão negados a mulheres e homens negros durante muito tempo na sociedade brasileira.

Atualmente no processo de aprendizagem há sinais de mudanças concretas na atuação das relações étnico-raciais, graças aos pressupostos nas leis e diretrizes constituídas para compor as mudanças curriculares no sistema de ensino brasileiro. De início contamos com os PCNs, que orientam a promoção da igualdade em um dos temas transversais, Pluralidade Cultural. Porém, é na Lei 10.639/03 que a educação no país tem conquistas mais significativas para o ensino de conteúdos referentes à História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira a ser ministrado no âmbito de todo o currículo escolar, fazendo uso também dos quadrinhos.

É sempre bom lembrar que as histórias em quadrinhos são produzidas para públicos diferenciados (infantil, adolescente ou adulto) e, portanto, não

podem ser usadas indiscriminadamente. Além disso, mesmo aquelas que se destinam apenas ao entretenimento e ao lazer, cujo conteúdo não foi gerado com a preocupação de informar ou passar conhecimento, podem ser utilizadas em ambiente didático, mas exigem um cuidado maior por parte dos professores (SANTOS, VERGUEIRO, 2012, p.89).

Desta forma, faz-se necessário, então, o/a professores/a trabalhar conteúdos que ajudem a quebrar as práticas racistas e estereotipadas muitas vezes difundidas numa cultura dominante e procurar mostrar temáticas do negro enquanto sujeito atuante, fundamentando assim o estudo das diferenças étnico-raciais e elucidando sua importante participação na sociedade.

É com esse pensamento que nossa sugestão apresenta a HQ inicial da Milena como suporte para elencar discussões com os alunos a fim de apresentar elementos que faça a ligação das características da personagem com a vivência do aluno.

Destacamos algumas observações como sugestão para discussões no processo de aprendizagem dentro ou fora da sala de aula, podendo ser desenvolvidas de forma interdisciplinar e para isto elencamos a seguir de forma breve alguns pontos para o diálogo sobre o contexto histórico da criação da Milena:

- I. A origem da Milena como resposta a cobranças de demandas sociais em relação ao espaço representativo de gênero e etnia em HQs infantis.
- II. Família e Milena - Caracterizar traços afrodescendentes como o cabelo; vive em um bairro que não é periferia; tem uma mãe veterinária, tirando o estereótipo da mulher negra doméstica e grávida nova, tem irmãos e pais presentes e tem a personalidade forte.
- III. Milena, como primeira personagem criança/menina negra de um quadrinho de alcance nacional.

Estas são pontuações importantes propostas para a didática de ensino com utilização da Milena, podendo problematizar sobre a representatividade da mulher negra em personagens de quadrinhos em ações pedagógicas a serem desenvolvidas por professores auxiliando o ensino. Por possuírem um bom grau de alcance das crianças, os quadrinhos podem elevar a qualidade da aprendizagem do

aluno, atraídos pelas ferramentas disponíveis nesse gênero textual, com destaque as imagens lúdicas que ilustram as histórias tornando-as atraentes e divertidas, oportunizando aos professores meios de desenvolver o que orientam as propostas curriculares com base nas demandas da Lei 10.639/03 na Educação Infantil e para toda Educação Básica. Nessa medida, desenvolvemos uma proposta de atividade que está disponível no Apêndice A, qual foi pensada a partir da análise identitária da personagem Milena.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa buscamos apresentar uma discussão acerca do uso da história em quadrinho como possibilidade pedagógica com potencial no auxílio do processo de ensino. Ressaltamos o uso desse recurso midiático na figura da personagem Milena da *Turma da Mônica* como elemento representativo da mulher negra como protagonista da HQ “*A Nova Amiguinha*”, apresentada como reflexo positivo que pode contribuir na construção e afirmação da identidade de crianças negras.

Baseado nos estudos realizados em vários teóricos, mostramos que a ausência da história da civilização africana no contexto curricular da educação brasileira contribuiu para algumas deficiências do conhecimento cultural da história do Brasil.

Apresentamos alguns fatores da luta e resistência dos movimentos sociais negros que foi imprescindível na reconstrução da história e valorização da afrodescendência no Brasil ao longo dos anos, o que foi consolidado com a conquista da aprovação da Lei 10.639/03 considerada um grande passo para o sistema de Educação do país.

Como forma de contribuir com as demandas da lei, tecemos um diálogo mediador do uso dos quadrinhos no trabalho representativo demonstrando a atuação de personagem negros/as onde as crianças possam sentir-se representadas, no entendimento que os negros e não negros podem ocupar o mesmo espaço.

Tratamos em um breve resumo, da origem dos quadrinhos no Brasil e alguns dos primeiros “gibis” e personagens infantis que foram criados inicialmente, com

destaque para as características fenotípicas, situações de inferioridade e submissão fortemente marcadas nos personagens negros/as. Elencamos os primeiros personagens negros criados por Mauricio de Sousa e a sua indiferença em relação aos estereótipos racista de seus personagens.

Consideramos relevante a escolha do tema em torno da personagem Milena, por entender a importância de dialogar sobre as questões de gênero e etnia nos quadrinhos da atualidade, fatores que nos direcionou a refletir a respeito da necessidade de abordar e discutir o quanto a ausência da mulher negra como protagonista no campo artístico é impactante na perspectiva do leitor.

Durante nossa análise percebemos que os autores evidenciam em seus trabalhos as contribuições do uso das histórias em quadrinhos como recurso para o ensino, ressaltando sua utilização a partir de uma preparação previa para ter bons resultados com os alunos. Neste caso, cabe aos professores ou professoras mediadores do conhecimento ter esse cuidado, e buscar o tipo de texto adequado para crianças. Não podemos generalizar que quadrinhos são coisas para crianças, porque não os são, eles têm adaptações indicadas para cada tipo de público.

A HQ da Milena objeto analisado nesse estudo, tem linguagem simples por ser produzida para o público infantojuvenil, o que nos cabe como mediador é direcionar a temática visando esclarecer diante de qual demanda social a personagem foi criada, levantando a problemática das diferenças e semelhanças entre os personagens, o que podemos extrair dela, como: a essência da afrodescendência encontrada na personagem, enfatizando a menina negra que se destaca na apresentação da narrativa, fazendo com que percebam nela elementos de identificação própria, desta forma oferecer meios para que o aluno encontre-se representado na personagem.

Neste trabalho, além de propormos uma possível atividade, intencionamos mostrar o caráter que chamamos utilitário às escuras do discurso presente nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa. Concluímos que, além de divertir os leitores, a HQ visa formação de caráter e comportamento, mas seu trabalho é feito, muitas vezes, de forma sutil, escondida.

Para finalizar esperamos com esse trabalho contribuir, com nossas pesquisas e sugestões do uso das HQs, para um ensino e aprendizado mais diversificado, dinâmico e prazeroso.

## REFERÊNCIAS

ABNT - **Guia de Normatização**. Disponível em: <<http://biblioteca.uepb.edu.br/abnt-guia-de-normalizacao/>> Acesso em 15 jun. 2021.

AGOSTINHO, Elbert. **Que negro é esse nas histórias em quadrinhos?** Uma análise sobre o Jeremias de Maurício de Sousa. CEFET, Rio de Janeiro, Brasil. 2018.

ALVES, J.M. Histórias em quadrinhos e educação infantil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.21, n.3, 2001. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932001000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300002)>. Acesso em: 2 dez. 2020.

KATRIB, M. Ibrahim; PONCHIO, M. Messia. **Utilização e produção de história em quadrinhos em sala de aula:** uma ferramenta interdisciplinar na aprendizagem das relações étnico-raciais. Uberlândia, MG : Editora Gráfica Lops, 2012. Parte VII. p. 562-579.

BOCCA, Sofia. **Turma da Mônica:** caráter utilitário ou estético?. 2015. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – Educação é a base. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 15 jun. 2021

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 09 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br.>> Acesso em: 30 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão**. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília. DF: MEC/SECAD; SEPPIR, jun. 2009b.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes curriculares Nacionais da educação das relações étnicorraciais e para o ensino**

**de História e cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/diretrizes-curriculares>> Acesso em: 30 abr. 2021.

CARMO, C. M.; FARIA, B. As representações femininas da personagem Iron Heart- **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos. Vol. 19, Nº 3, P. 374 – 389, setembro/dezembro 2017.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel-** Representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. Universidade de São Paulo – São Paulo. 2013.

**Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003.** Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10.639/2003. MEC. novembro, 2008 - Disponível em: <[http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/contribuicoes\\_para\\_implementacao\\_da\\_lei.pdf](http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/contribuicoes_para_implementacao_da_lei.pdf)> Acesso em 15 maio 2021.

COSTA, Carlos Odilon da. **Metodologia e conteúdos básicos de história e geografia** / Carlos Odilon da Costa; Edith Weiduschat – Indaial: UNIASSELVI, 2018.

CRUZ, M. dos S. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, J. (org.). **História da Educação do negro e outras histórias.** Brasília: MEC, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-34.

**Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília-DF. Outubro - 2004. Disponível em: <https://www.uel.br>. Acesso em: 10 abr. 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **SciELO.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/>> Acesso em: 10 maio 2021.

FERREIRA, Maria Vanda. **A importância da Lei 10.639 para a erradicação do racismo.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/importancia-da-lei-10-639-para-erradicacao-racismo/>> Acesso em: 11 de mar. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação – **Revista Brasileira de Educação.** Maio/Jun/Jul/Ago 2003, Nº 23. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/pensareducacao/arquivos/Indicleit/Culturaneagraeeducacao.pdf>> Acesso em: 20 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **RBPAAE** - v.27, n.1, p. 109-121, jan/abril. 2011.

\_\_\_\_\_. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: **Racismo e anti-racismo** – repensando nossa escola /Eliane Cavalleiro (orgs.). São Paulo: Summus, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Movimento Negro Educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação/Nilma Lino Gomes.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

Lei 11.645/08. **Relações étnico-raciais**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12989-relacoes-etnico-raciais>> Acesso em: 08 mar. 2021

MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA>> Acesso em: 30 abr. 2021.

**Negra e amiga dos animais**: Quem é Milena, nova personagem da "Turma da Mônica". Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br>>. Acesso em: 2 maio 2021.

**Nova personagem Milena em 'Turma da Mônica Nº 45'** – Panini. Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. Rio de Janeiro, 2003. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, no 3, 2003, pp. 421-46. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/jSfDJDycj4nzJwRH6W3xzLH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 maio 2021.

PEREIRA, Almicar Araujo. **O Mundo Negro**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995) / Almicar Araujo Pereira (Tese - Doutorado) – 2010.

PINHEIRO, Luana [et al.]. **Retrato das Desigualdades de gênero e raça** – 3. ed. Brasília: Ipea: SPM: UNIFEM, 2008. 3.

ROCHA, Solange Pereira. A Lei 10.639/03 Na Primeira Década: reflexões, avanços e perspectivas. In\_: **Diversidades étnicos-raciais e interdisciplinaridade**: diálogos com as leis 10.639 e 11.645 / José Luciano de Queiroz Aires... [et al.], organizadores. – Campina Grande: EDUFCEG, 2013.

ROMÃO, Jeruse (org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

SANTOS, A. Rodrigues dos.; TAILLE, E. Harkot-de-La. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade - **III SIMPÓSIO NACIONAL DISCURSO, IDENTIDADE E SOCIEDADE(III SIDIS) - DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**, Campinas-SP, 2012. Disponível em: <<https://www.iel.unicamp.br>> Acesso em 3 maio 2021.

SANTOS, Ana Paula Borges dos Reis Queiroz. **Africanidades**: Um olhar pedagógico para o ensino da cultura africana em sala na aula. 2016. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br>>. Acesso em: 1 maio 2021.

SANTOS, Julio Cesar Pereira dos. **A força da tempestade: protagonismo feminino negro nas histórias em quadrinho dos X-Men** / Julio Cesar Pereira dos Santos – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017.

SANTOS, Roberto Elísio dos. VERGUEIRO, Waldomiro  
histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática  
**EccoS** – Rev. Cient., São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012

SANTOS, Valdecir de Lima. **Com que cor se pinta o negro nas Histórias em Quadrinhos?**- Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas – Salvador, 2013. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/11738744-Com-que-cor-se-pinta-o-negro-nas-historias-em-quadrinhos.html>> Acesso em: 25 jun. 2021.

SARZEDAS, Letícia Passos de Melo. **Criança Negra e Educação: um estudo etnográfico na escola.** Dissertação (Mestrado em Psicologia e sociedade) – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.

SILVA, Ana Célia da. **A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático.** In: MUNANGA, K. (org.) Superando o Racismo na escola. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37.

SILVA, Fernanda Pereira da. **Super-heróis negros e negras: referências para a educação das relações étnico-raciais e ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.** Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Maurício Pedro da. Novas diretrizes curriculares para o estudo da História e da cultura afro-brasileira e africana: a lei 10.639/03. **EccoS** – Revista Científica, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 2007.

Silvério, Valter Roberto. **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX** / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha e Muryatan Santana Barbosa. –Brasília. 2013.

SOUSA, Mauricio. **Apresenta família negra na Turma da Mônica.** Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com>>. Acesso em: 8 maio 2021.

TANINO, Sonia. **Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar.** Universidade Estadual de Londrina - Londrina, 2011.

VILELA, Marco Túlio Rodrigues. **A utilização dos quadrinhos no ensino de história: avanços, desafios e limites.** Dissertação (mestrado em Educação) -- Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2012.

WENSE, Henrique Sampaio. **A imagem do Negro nos Quadrinhos nas produções audiovisuais infantojuvenis.** Universidade de Brasília- Brasília – 2015.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Os Negros nas Histórias em Quadrinhos de Super-heróis.** São Leopoldo | v.18 n. 1 | p. 67-89| jan-jun. 2013.

**APÊNDICE A – SUGESTÃO DE PLANO DE AULA SOBRE O PROTAGONISMO DO FEMINISMO NEGRO E QUADRINHOS.**

TEMA DA AULA	Milena e a representatividade do feminismo negro na Turma da Mônica
TURMA	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação Infantil: Pré-escola (4 anos a 5 anos e 11 meses), podendo trabalhar também nos anos iniciais do Ensino Fundamental</li> </ul>
CAMPO DE EXPERIÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>O Eu, O Outro e O Nós</li> </ul>
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar a presença da mulher negra como personagem principal da narrativa;</li> <li>Reconhecer características próprias nos personagens.</li> </ul>
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO	<ul style="list-style-type: none"> <li>(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.</li> </ul>
DURAÇÃO DAS ATIVIDADES	<ul style="list-style-type: none"> <li>4 horas/aulas</li> </ul>
CONHECIMENTOS PRÉVIOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>O que conhecem de história em quadrinhos?</li> <li>Já conhecem a palavra África?</li> <li>Entendem o que sobre a África?</li> <li>Conhecem algum elemento dos costumes dos povos da África que são iguais no Brasil?</li> <li>Conhecem outros personagens negros de histórias infantis?</li> </ul>
ESTRATÉGIAS E RECURSOS	<p><b>1ª hora/aula:</b> Apresentação da personagem Milena da Turma da Mônica a partir da HQ edição nº 45 “A Nova Amiguinha” inicialmente uma breve análise da sua biografia, elencando um diálogo do contexto da sua criação como primeira protagonista negra feminina nos quadrinhos da Turma da Mônica;</p> <p><b>2ª hora/aula:</b> Apresentar a revista edição nº 45 e promover um contato visual e físico com o material, a seguir o/a professor/a iniciará a leitura como uma contação de história e ao final em momento de socialização buscar extrair do aluno suas considerações sobre a protagonista;</p> <p><b>3ª hora/aula:</b> Compartilhar a HQ A Nova Amiguinha através de multimídias (computador/data show) proporcionando a todos os alunos o acompanhamento da leitura visual da HQ, o/a</p>

	<p>professor/a fará a leitura expressiva indicando cada quadrinho e balão que está lendo, de forma que as crianças percebam a trajetória de atuação da menina negra nas ações sequenciais dos quadrinhos;</p> <p><b>4ª hora/aula:</b> Momento de síntese entre professor/a e alunos sobre a mensagem positiva que a HQs da Milena transmite e se a criança se sentiu representada em algum dos personagens da história.</p> <p>Atividade: construir um cartaz com imagens pesquisadas (revistas, jornais) de pessoas negras; colar em folha de papel A4 ou na folha do caderno.</p> <p>Socialização: todos apresentarão suas produções.</p>
AVALIAÇÃO	Construção e apresentação do material produzido.
REFERÊNCIAS	<p>Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: &lt;<a href="http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf">http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf</a>&gt; Acesso em: 10 jun. 2021.</p> <p>SOUSA, Maurício de. <b>Turma da Mônica: A Nova Amiguinha.</b> Edição nº 45. Editora: Panini Comics.</p>